



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB  
Centro de Ciências Biológicas e Sociais Aplicadas – CCBSA  
Coordenação de Arquivologia

CAMILA CÂNDIDO

**ALAGOA GRANDE-PB: Impactos de Uma Grande Catástrofe  
Sobre o Acesso à Informação Registrada**

João Pessoa – PB  
Fevereiro de 2014

CAMILA CÂNDIDO

**ALAGOA GRANDE-PB: Impactos de Uma Grande Catástrofe  
Sobre o Acesso à Informação Registrada**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Bacharelado em Arquivologia, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial para a obtenção do grau de **Bacharela** em Arquivologia, no Centro de Ciências Biológicas e Sociais Aplicadas.

**Orientadora:** Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Francinete Fernandes de Sousa

João Pessoa – PB  
Fevereiro de 2014

---

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

C217i Cândido, Camila

Alagoa Grande-pb [manuscrito] : impactos de uma grande  
catástrofe sobre o acesso à informação registrada / Camila Candido.  
- 2014.

87 p. : il.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquivologia )  
- Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e  
Sociais Aplicadas, 2014.

"Orientação: Profa. Dr. Francinete Fernandes de Sousa,  
Departamento de Arquivologia".

1. Alagoa Grande . 2. Acesso à informação 3. Usuário I.  
Título.

21. ed. CDD 025.524

**FOLHA DE APROVAÇÃO**

CAMILA CÂNDIDO

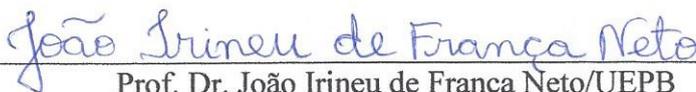
**ALAGOA GRANDE-PB: Impactos de Uma Grande Catástrofe  
Sobre o Acesso à Informação Registrada**

Trabalho Conclusão de Curso Aprovado em: 27 de Fevereiro de 2014

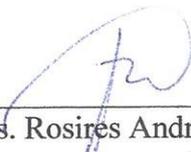
**BANCA EXAMINADORA**



Profª Drª Francinete Fernandes de Sousa/UEPB  
Orientadora



Prof. Dr. João Irineu de França Neto/UEPB  
Examinador



Profª Ms. Rosires Andrade de Carvalho UFPB/UEPB

Examinadora

*Á minha tia Vandira Nóbrega com muito amor.*

## **AGRADECIMENTOS**

A DEUS, por esta vitória em minha vida, tenho certeza que a Tua poderosa mão guiou-me durante esta caminhada. Sei que em muitos momentos o desânimo quis ser mais forte, mais foste tu Senhor aquele que me sustentou e fortaleceu.

A minha Tia-Mãe Vandira Nóbrega, o Anjo que Deus colocou aqui na terra para me proteger, apoiar, educar, cuidar e acima de tudo AMAR. Não tenho palavras para agradecer todo o carinho e dedicação, todo cuidado e respeito, muito obrigada meu amor por tudo e principalmente por ter me ajudado a ser o ser humano que eu sou hoje. Amo-te!

A minha mãe Lucia Amélia Candido, por todas as reclamações e tentativas de silêncio quando eu estava em casa e precisava estudar.

Aos meus padrinhos, Dulce e Jônio por estarem ao meu lado desde o momento do meu nascimento, obrigada meus amores por todo o incentivo para que eu pudesse crescer.

A meus dois Anjos que do céu intercedem todos os dias por mim. Minha vizinha Alcinda Mendes, que vibrou tanto com a minha entrada no curso e hoje do céu se alegra com minha vitória e a Risinho a quem tanto eu tinha carinho e admiração, que acompanhou quase tudo de perto, sei que de onde vocês estão intercedem para que eu prossiga no caminho certo!

Não posso deixar de agradecer aquela que esteve ao meu lado durante estes quatro anos de vida acadêmica, você minha amiga-irmã Aline Crispim. Obrigada pelo apoio e motivação quando eu mesma achava que não poderia mais, obrigada por cada discussão, silêncio e alegria compartilhada ao teu lado.

A amiga, professora e orientadora Dra. Francinete Fernandes de Sousa. Seus ensinamentos foram além de conceitos presentes em livros, incluíram ética, moral e principalmente a importância de ser humilde e amar a profissão. A senhora guiou-me ao longo dessa caminhada, permitindo-me conhecer diferentes horizontes, ajudou-me a amadurecer e por fim deixou profundas marcas que irão repercutir em minha vida. Por tudo isso, te agradeço e reconheço que esta vitória também é sua.

Agradeço ao Grupo de Estudo em Arquivística e Sociedade (GEAAS), por cada experiência vivenciada, cada questão discutida, por cada encontro de arquivologia e cada conhecimento adquirido ao longo das reuniões.

A minhas amigas: Faysa de Oliveira por cada momento de alegria seja ele nas tardes de projeto ou mesmo nos nossos momentos de monitoria, você auxiliou-me e muito em cada pesquisa. Thalyta Braga por seu jeito doce de ser, por todas as vezes que nos incentivou a ir além da universidade.

A Jéssica Spinellis, por ser um Anjo em minha vida, pelas vezes em que você disse que eu não poderia desistir de mim mesma, pelas orações, por compreender os momentos em que precisei ausentar-me. Obrigada amiga por cada choro, conselho, alegria. Meiry Dantas por vibrar comigo cada conquista, desde o momento em que passei no vestibular ate hoje. O Matheus Vieira Carvalho por cada momento de descontração. Gabriela Oliveira que nestes passos de conclusão estive comigo, me encorajando a seguir, sou grata a Deus por ter te colocado em minha vida.

A todos que de alguma forma direta ou indiretamente auxiliaram-me na busca pelos dados da minha pesquisa, principalmente á Maria Gerlane pelas vezes em deixou os seus afazeres para ir comigo á Alagoa Grande coletar dados.

A todos os colegas do estagio, pela companhia nos momentos difíceis e pelas boas conversas.

Por fim, agradeço ao corpo Docente da UEPB por cada ensinamento, cada experiência, obrigada por me tornarem arquivista!

“Não devemos ter medo das novas ideias! Elas podem significar a diferença entre o triunfo e o fracasso”.

(Napoleon Hill)

## RESUMO

CÂNDIDO, Camila. **ALAGOA GRANDE-PB: Impactos de Uma Grande Catástrofe Sobre o Acesso à Informação Registrada.** Orientador: Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Francinete Fernandes de Sousa . João Pessoa: UEPB, 2014. 85 p. Monografia. (Bacharelado em Arquivologia).

Este trabalho de conclusão de curso teve por objetivo investigar o impacto e a influência das grandes catástrofes ambientais nos documentos e seus usuários. O estudo foi pensado para uma comparação entre países e regiões, como Porto Príncipe no Haiti, a cidade de Nova Friburgo no Rio de Janeiro e a região de Palmares no estado de Pernambuco. No caso específico desta monografia apresentamos os dados e conclusões, especificamente, da Paraíba, destacando a dificuldade pela busca das informações que foram perdidas com a chuva e o desastre da barragem de Camará em Alagoa Grande- PB ocorrido no ano de 2004. A base teórica da pesquisa está respaldada em autores como: Bellotto (2004), Rousseau & Couture (1998), Camargo (1996), Silva (2008), entre outros que discutem a problemática da arquivística, preservação e acesso à informação. A amostra do trabalho foi construída, a partir dos usuários que perderam suas informações e de arquivos da cidade que também foram atingidos com a catástrofe. A coleta de dados foi realizada tendo como instrumento a observação com entrevista estruturada e a pesquisa documental. Com base nos resultados obtidos, pudemos constatar que os usuários demonstram, em grande parte, uma crença na solução de problemas como a perda de documentos, de informações e de bens culturais sem base no real e na lei de acesso à informação. Além disso, evidencia-se a ausência de políticas públicas, na cidade de Alagoa Grande, no sentido de recuperar a documentação perdida ou danificada, para que os usuários possam, assim, amenizar os efeitos devastadores da catástrofe.

**Palavras-chave:** Alagoa Grande. Catástrofe. Usuário. Documento. Preservação dos documentos.

## **ABSTRACT**

CÂNDIDO, Camila. **ALAGOA GRANDE-PB: Impactos de Uma Grande Catástrofe Sobre o Acesso à Informação Registrada.** Orientador: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Francinete Fernandes de Sousa . João Pessoa: UEPB, 2014. 85 p. Monografia. (Bacharelado em Arquivologia).

This course conclusion work aimed to investigate the impact and influence of major environmental disasters in the documents and their users. The study was designed for comparison between countries and regions, such as Port au Prince in Haiti, the city of Nova Friburgo in Rio de Janeiro and the region of Palmares in the state of Pernambuco. In the specific case of this monograph we present the data and conclusions, specifically, Paraiba, highlighting the difficulty of the search information that was lost in the rain and disaster dam Camara in Alagoa Grande- PB occurred in 2004. The theoretical basis of the research rests upon authors like : Bellotto (2004 ) , Rousseau & Couture (1998 ) , Campbell (1996 ) , Silva (2008 ) , among others discussing the problems of archival , preservation and access to information. The sample of the study was constructed from users who lost their data and files from the city who were also affected by disaster. Data collection was performed with an instrument observation with structured interviews and documentary research. Based on these results, we found that users demonstrate, in large part, a belief in solving problems such as the loss of documents, information and cultural goods with no basis in reality and the law on access to information. Furthermore, there is evidence of the absence of public policies in the city of Alagoa Grande, to recover lost or damaged documentation, so that users can, thus, to reduce the devastating effects of the disaster.

**Keywords:** Catastrophe. User. Document. Preservation of records. Great alagoa.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

### LISTA DE FIGURAS

|  |    |
|--|----|
| Figura 1 – Mapa da cidade de Alagoa Grande .....   | 26 |
| Figura 2 – Vista panorâmica da cidade .....  | 39 |
| Figura 3 - Barragem de Camará.....   | 40 |
| Figura 4 - Documentação perdida no dia da enchente.....  | 40 |
| Figura 5 - Entrada da cidade.....  | 41 |
| Figura 6- Antiga ponte que ligava a cidade aos municípios .....  | 42 |
| Figura 7- Cidade de Alagoa Grande .....  | 43 |
| Figura 7.1 – Fotos da área urbana do município de Alagoa Grande em janeiro/fevereiro de 2004. (a) Lagoa no centro do município. (b) Ponte sobre o rio Mamanguape – Jusante. (c) Casa destruída pelas chuvas – Canafístula. (d) Rua que ficou completamente alagada ..... | 44 |
| Figura 8- Documentação que estava no arquivo no dia da catástrofe .....  | 45 |
| Figura 9- Documentação que restou do cartório .....  | 45 |
| Figura 10- Documentação do Cartório .....  | 46 |

## LISTA DE QUADROS

|  |    |
|--|----|
| Quadro 1- Resposta a questão 1 entrevista relacionada a Palmares.....  | 21 |
| Quadro 2- Resposta a questão 2 entrevista relacionada a Palmares ..... | 22 |
| Quadro 3- Resposta a questão 3 entrevista relacionada a Palmares.....  | 22 |
| Quadro 4- Resposta a questão 4 entrevista relacionada a Palmares.....  | 23 |
| Quadro 5- Resposta a questão 5 entrevista relacionada a Palmares.....  | 23 |
| Quadro 6- Resposta a questão 6 entrevista relacionada a Palmares.....  | 23 |
| Quadro 7- Resposta a questão 7 entrevista relacionada a Palmares.....  | 24 |
| Quadro 8- Resposta a questão 8 entrevista relacionada a Palmares.....  | 24 |
| Quadro 9- Perfil dos gestores dos arquivos.....                        | 37 |
| Quadro 10- Perfil dos usuários<br>entrevistados.....                   | 37 |
| Quadro 11- Resposta a questão 1 entrevista aos<br>gestores.....        | 46 |
| Quadro 12- Resposta a questão 2 entrevista aos gestores<br>.....       | 47 |
| Quadro 13- Resposta a questão 3 entrevista aos<br>gestores.....        | 47 |
| Quadro 14- Resposta a questão 4 entrevista aos<br>gestores.....        | 48 |
| Quadro 15- Resposta a questão 1 entrevista aos<br>usuários.....        | 50 |
| Quadro 16- Resposta a questão 2 entrevista aos<br>usuários.....        | 52 |
| Quadro 17- Resposta a questão 5 entrevista aos<br>usuários.....        | 52 |
| Quadro 18- Resposta a questão 6 entrevista aos usuários.....           | 54 |

## **LISTA DE SIGLAS**

**APE-** Arquivo Público Estadual Pernambuco

**CONARQ-** Conselho Nacional de Arquivo

**CCBSA-** Centro de Ciências Biológicas e Sociais Aplicadas

**GEAAS-** Grupo de Estudos em Arquivologia e Sociedade

**IBGE-** Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

**IDH-** Índice de Desenvolvimento Humano

**UEPB-** Universidade Estadual da Paraíba

**TCC-** Trabalho de conclusão de curso

## SUMÁRIO

|  |    |
|--|----|
| 1. INTRODUÇÃO.....   | 13 |
| 2. DOCUMENTO, ARQUIVO E CATÁSTROFES AMBIENTAIS.....          | 16 |
| 2.1. CATÁSTROFE E PRESERVAÇÃO DOCUMENTAL .....               | 22 |
| 3. USUÁRIO DA INFORMAÇÃO E AS CATÁSTROFES AMBIENTAIS .....   | 25 |
| 4. PROCEDIMENTOS METODOLOGICOS.....                          | 31 |
| 5. O NOSSO OBJETO DE ANÁLISE: Alagoa grande na Paraíba ..... | 35 |
| 6. ANÁLISE DOS DADOS COLETADOS.....                          | 41 |
| 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....                                 | 57 |
| REFERÊNCIAS.....   | 58 |
| APÊNDICE A.....  | 62 |
| APÊNDICE B.....  | 63 |
| APÊNDICE C.....  | 64 |
| APÊNDICE D.....  | 69 |
| APÊNDICE E.....  | 76 |
| ANEXO A.....   | 85 |
| ANEXO B.....   | 86 |

## 1. INTRODUÇÃO

Este tema surgiu a partir de conversas no Grupo GEAAS (Grupo de Estudos em Arquivologia e Sociedade). A ideia inicial foi de comparar situações de catástrofes em regiões consideradas pobres, do ponto de vista socioeconômico.

Escolhemos para análise no primeiro momento, a cidade de Alagoa Grande, na Paraíba, Palmares em Pernambuco e a capital Porto Príncipe no Haiti, isto porque os estudos acadêmicos envolvendo realidades diversas e problemas comuns, por meio de comparações entre regiões, numa perspectiva interdisciplinar podem ser considerados como significativos no âmbito do desenvolvimento científico. Aliado a esses fatores, nos dias atuais, existe um crescimento global, não demarcado por fronteiras locais, nacionais ou internacionais. Podemos dizer que as demandas sociais ultrapassam as delimitações territoriais e acabam por produzir um desgaste na qualidade de vida de qualquer cidadão, independente de sua origem, etnia, nacionalidade ou posição social.

Dada a complexidade e, sobretudo os limites de tempo para processamento das análises, optamos por desmembrar o projeto e apresentar como TCC a situação de Alagoa Grande, na Paraíba. O que não significa que o projeto maior não esteja em andamento. Além de delimitarmos, para esta discussão, a região geográfica de Alagoa Grande-PB, fizemos um recorte dentro da nossa área específica, focado para a situação deixada pelas grandes catástrofes e documentação, tomando como tema o caso dos impactos causados pelas catástrofes, no tocante ao acesso à informação dos usuários da informação.

Trata-se de um trabalho relevante para a comunidade científica não só da área de arquivologia, mas, de áreas afins como a sociologia, relações internacionais, direitos humanos entre outras. O trabalho, além de ser importante para a comunidade científica é também para a sociedade, pois o estudo ajuda no entendimento do país e das causas das destruições, ao mesmo momento em que mostramos a situação dos documentos, levando em conta a dificuldade da população na busca pela informação. Indagamos: como a população que perdeu informações essenciais para sua vida tem lidado frente às dificuldades em resolver problemas de ordem burocrática? Onde essa documentação foi guardada? Há um destino para a documentação perdida?

Levamos em consideração os locais que possuíam documentação e que foram destruídas pelas catástrofes, assim, discutimos as possibilidades de localizar, geograficamente, os arquivos que foram destruídos, para descobrir o trâmite documental e as informações perdidas. Quais as consequências para o país, para a região e para o cidadão quando se perde esta documentação?

Estas e outras questões são fundamentais e reveladoras de crenças sem base no real, tanto dos usuários internos, quanto os usuários externos da região: A nossa intenção, pois, foi analisar este trâmite documental, através de um olhar multi e interdisciplinar, portanto a linguagem documentária foi essencial para a análise das tipologias documentais existentes nos arquivos que foram pesquisados. Os estudos da Sociologia e da linguística, juntamente com a arquivologia proporcionaram um olhar diverso sobre a documentação do país, bem como nos auxiliaram sobre o acesso do usuário que necessita de informações. A partir disto estudamos a matéria da preservação dos documentos que foram destruídos pelas catástrofes, levando assim em consideração a documentação da cidade de Alagoa Grande Paraíba.

Dentro dos nossos objetivos traçados para a pesquisa, partimos do objetivo geral ao qual foi analisar o impacto e a influência das grandes catástrofes ambientais na perda de documentos e na vida dos usuários da informação. A partir deste objetivo maior, delimitamos os objetivos específicos que serviram como auxílio para entendermos o problema, bem como aumentar o nosso conhecimento sobre o assunto abordado. Dentre estes objetivos específicos delimitamos: 1- Localizar geograficamente regiões que foram destruídas pelas enchentes; 2- Descrever a situação de Alagoa Grande-Paraíba, no tocante ao desastre ambiental e as consequências para uso e usuários dos arquivos; 3- registrar as visões de mundo dos usuários dos arquivos atingidos; 4- registrar as visões de mundo dos usuários dos arquivos atingidos e 5- Identificar os danos para o acesso à informação, na perspectiva do usuário.

Ainda, sobre o desenvolvimento da pesquisa, podemos considerar a sua importância para o arquivista, pois o mesmo nos levou ao contato com outras perspectivas de vida, além de possibilitar vários aprendizados, fazendo uma reflexão por parte das necessidades vividas por cidadãos que precisam de documentações e que ao mesmo tempo não conseguem buscá-las por conta da grande massa documental que desapareceu com os abalos ambientais. Nos fez ver que, a recuperação destes documentos que foram perdidos é necessária ao usuário, pois se tratam de documentos com valores de prova, de lembrança, de memória, portanto, enfatizar nesse projeto, o olhar sobre o arquivo, não apenas na perspectiva de arquivo, prédio, ou

instituição em si, mas um olhar voltado ao usuário, analisando, assim, o modo como ele e a informação são tratados, tornou-se uma alusão, ao mesmo tempo em que inquietante, reveladora de um conhecimento mais amplo da área arquivística. Sendo assim, este trabalho parte da seguinte questão de pesquisa: como ficaram os documentos e seus usuários após as grandes catástrofes ambientais, nos arquivos no Brasil e, especificamente, na Paraíba?

E para obtermos respostas científicas buscamos como método a verificação *in loco*, a análise de entrevistas com usuários tendo como base a aproximação da teoria linguística das crenças. Assim, nossa pesquisa está organizada desta forma: primeiro capítulo introdução, segundo, capítulo relacionado aos documentos, arquivo e as catástrofes ambientais, este com um subitem que trata das catástrofes e preservação ambiental, terceiro capítulo usuário da informação, quarto procedimentos metodológicos, quinto objeto da nossa análise: Alagoa Grande, sexto análise dos dados coletados e o sétimo e último capítulo ficou demarcado para as conclusões gerais.

Por uma opção e direção deixamos os procedimentos metodológicos para serem explicados nos capítulos, subsequentes, próximo à análise. Assim, construímos o seguinte raciocínio: descrição do objeto de pesquisa bem como analisar, as ponderações e conclusões.

## 2. DOCUMENTO, ARQUIVO E CATÁSTROFES AMBIENTAIS.

Há alguns anos atrás, desastres ambientais foram notícias no mundo. Na Índia, em 1984, um vazamento de 42(quarenta e duas) toneladas de iso cianato de metila, da fábrica da Union Carbide. Em 1986, a explosão de um reator de usina nuclear em Chernobyl, Ucrânia. No Golfo Pérsico, em 1991, a guerra entre o Iraque e forças aliadas resultou na queima de poços de petróleo, com poluição da vegetação e das águas. No Brasil, não tivemos desastres de tal porte, porém, grandes chuvas assolaram algumas cidades do Brasil, a exemplo das cidades de Alagoa Grande e Palmares, cidades estas que tiveram suas documentações comprometidas. Assim, considerando a gravidade de tais situações para a humanidade nos perguntamos sobre os documentos para vida cotidiana destas comunidades e também a documentação histórica como tem sido tratada.

O Brasil apesar de ter avançado consideravelmente em termos econômicos, considerado pelos analistas mundiais como a 6º (sexta) potência mundial em 2011, celebrado como um dos países que conseguiu se afastar da grande crise que abalou a maioria dos países mundiais, está longe de resolver seus problemas infraestruturais. Existe uma grande defasagem, no referente às matérias de ordem social e estas passam por condições sanitárias, distribuição de renda, projetos e programas de prevenção de catástrofes. É bem verdade que no Brasil não existe, pelo menos em curto prazo, riscos evidentes de terremotos. No entanto, as chuvas que assolam todas as regiões do país causam destruições incalculáveis, com danos materiais, patrimoniais e de vidas.

Outra cidade que podemos citar e que foi alvo das grandes chuvas encontra-se na região nordeste, trata-se de Palmares Mata Sul do estado de Pernambuco a qual foi destruída parcialmente por uma “Tromba d’ água”, no dia 18 de junho de 2010, atingida por um fenômeno que se formou na Bacia do Una mais de 150(Cento e cinquenta) mm<sup>3</sup> de chuvas em um único dia e mais de 400(quatrocentos) mm<sup>3</sup>, em 4(quatro) dias, o que fez que causasse uma catástrofe de dimensões consideráveis, levando a morte, destruição e muita dor as famílias. Muitas pessoas morreram de hipotermia, desidratação e morte súbita. Com o desastre, milhares ficaram ilhadas, usando seu telhado como refúgio. Segundo o JC online, de 03 de agosto de 2010, a cidade estava ilhada e isto provocou muitos transtornos. Foi necessária centenas de voluntários e, 70(setenta) homens de 6(seis) grupamentos de bombeiros da região, além de quatro guarnições do Exército, pois não havia água, a luz foi

cortada ainda de madrugada, telefones convencional e celular, também. Na localidade das Pedreiras, junto ao rio, pelo menos 40(quarenta) casas foram comprometidas pela água e toda a comunidade ficou submersa.

Assim como Palmares, uma outra cidade que também sofreu com as chuvas e certamente com a dificuldade em resgatar informações foi a cidade de Nova Friburgo, região serrana do Estado do Rio de Janeiro, que sofreu deslizamentos de terras e enchentes, devido ao aumento das chuvas, em janeiro de 2011(dois mil e onze), os quais causaram igualmente prejuízos. Neste sentido, a pergunta sobre a documentação e acesso as informações também é válida para esta região afetada.

No sentido de estabelecermos a relação catástrofe e documentação, necessário se faz um percurso pelo mundo do código escrito para compreendermos que com o surgimento da escrita e a partir do momento que o homem passou a registrar seu cotidiano, surgiu uma preocupação com a informação e a preservação destes registros que antes eram realizados em papiro, pergaminhos, e até mesmo nas paredes no caso das pinturas rupestres. Atualmente, temos os documentos que são as informações registradas sobre um suporte, seja ele analógico ou digital. Bellotto (2004, p. 37), define documento de arquivo como:

os produzidos por uma entidade pública ou privada, ou por uma família ou pessoa no transcurso das funções que justificam sua existência como tal, guardando estes documentos relações orgânicas entre si. Surgem, pois, por motivos funcionais, administrativos e legais. Tratam, sobretudo de provar, de testemunhar alguma coisa. Sua apresentação pode ser manuscrita, impressa ou audiovisual; são em geral exemplares únicos e sua gama é variadíssima, assim como sua forma e suporte.

O documento de arquivo possui algumas características identificadoras, tais como: imparcialidade, autenticidade, naturalidade, unicidade<sup>1</sup>, o que substancia o documento de arquivo, tornando-o prova das atividades de uma pessoa ou instituição.

Ao documento de arquivo são atribuídos valores, de acordo com o uso que se fará dele. O valor primário é o de criação, ou seja, administrativo, fiscal e legal típico das fases que iniciam o seu do ciclo de vida, como é o caso da primeira idade que é a corrente (documentos utilizados com frequência), e da segunda idade, a intermediária (a consulta a esses documentos já não é tão frequente), já o valor secundário atribuído aos documentos se refere

---

<sup>1</sup> Compreendemos que estes princípios estão sendo revistos, porém ainda são aceitos pela comunidade arquivística, de modo que os utilizamos, neste trabalho, para enfatizar a organicidade documental.

ao fato dele não mais servir para a tomada de decisões e passa a servir para à pesquisa, é o caso da terceira idade, ou seja a permanente onde os documentos são recolhidos para guarda permanente nas instituições detentoras ou terceirizadas e são usados como fonte histórica pelos pesquisadores

([http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/4204432/4101451/revista\\_AGCRJ\\_6\\_2012.pdf](http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/4204432/4101451/revista_AGCRJ_6_2012.pdf)).

A localização dos documentos administrativos, nas administrações ou junto das famílias é reveladora da importância que lhes são concedidas pelos criadores ou proprietários, ao mesmo tempo em que revelam os principais modos de conservação utilizados. (ROUSSEAU, COUTURE, 1998).

Os documentos podem ser do tipo convencional ou digital. No caso do nosso trabalho, enfatizamos a documentação perdida na catástrofe em meio convencional, ou seja, documentação em suporte de papel.

ROUSSEAU; COUTURE (1998, p.33) afirmam que “o documento desempenha, no decorrer da história, sempre um papel na defesa das pessoas e das instituições”. No caso da documentação perdida nas chuvas que assolaram a cidade de Alagoa Grande, há uma preocupação com as informações perdidas dos arquivos que foram atingidos. Sabemos que alguns desastres naturais não podem ser evitados e muito menos controlados pelo homem. Não obstante, seria importante que as instituições arquivísticas, do país, tivessem um plano de prevenção contra desastres, não somente onde a água seja o principal agente, mas também contra outros tipos de sinistros. Podemos citar alguns casos graves de desabamento e inundação ocorridos recentemente no Brasil, como o do Arquivo Público de São Luiz de Paraitinga, em São Paulo, em 2010(dois mil e dez), e o da Casa de Cora Coralina, na cidade de Goiás, em 2001(dois mil e um), os quais tiveram seus acervos molhados e parcialmente perdidos, após enchentes de grandes proporções. Nos dois casos, os prédios com os acervos documentais estão próximos a rios. (CONARQ, 2010).

Mas o Brasil não foi o único que sofreu com catástrofes, países como o Haiti, Itália e Japão também tiveram inundações e terremotos, catástrofes naturais que modificaram a vida da população. Segundo informações atuais de jornais da Europa, como o Euronews, “Chuvas diluvianas ceifaram a vida de pelo menos duas pessoas no sul de França e obrigaram as autoridades a retirar 150(cento e cinquenta) pessoas da região de Var, entre Marselha e Cannes, e alojá-las em centros de acolhimento. As inundações provocadas por uma

precipitação anormal – 150 e 200 mm em menos de 48(quarenta e oito) horas – causaram importantes danos materiais”. O primeiro-ministro francês Jean-Marc Ayrault sobrevoou as zonas mais afetadas, prometeu declarar o estado de catástrofe natural e ajuda aos mais afetados. A vizinha Itália também não escapou, as fortes chuvas provocaram a morte a uma pessoa e o desaparecimento de outra. As zonas mais afetadas foram as regiões da Emilia Romagna e da Ligúria. Pelo menos 600(seiscentas) pessoas foram obrigadas a abandonar as suas casas. (<http://pt.euronews.com/tag/inundaces-na-italia/> acesso em:13 de janeiro de 2014).

No Japão, o terremoto, o tsunami e o acidente nuclear de 11 de março de 2011 fizeram muito desabrigados. O acidente não apenas fragilizou a confiança dos consumidores japoneses, mas despertou, também, a desconfiança em relação a produtos importados do arquipélago. O setor agrícola sofreu as consequências: a venda dos alimentos produzidos na região foram proibidas, por causa do índice de radioatividade anormalmente elevado. O que difere estes países dos países subdesenvolvidos é a constante preocupação com seus bens culturais, sejam eles materiais ou imateriais. Existe um plano reconstrução, de conservação. (<http://veja.abril.com.br/noticia/economia/terremoto-no-japao-foi-a-catastrofe-natural-mais-cara-da-historia>. Acesso em 13 de janeiro de 2014).

Para contrapor a situação de alerta para fins de conservação que tem países como EUA Japão, Itália, verificamos Porto Príncipe, capital do Haiti, um país com um dos IDH mais pobres do mundo, que também sofreu com desastres ambientais. No ano dia 12 de janeiro de 2010 aconteceu na capital do Haiti uma das maiores catástrofes mundiais. Tratou-se de um terremoto de 7(sete) graus de magnitude, o qual destruiu a capital do país. As sequelas deixadas pela catástrofe tomou dimensões preocupantes, ainda, hoje, o país encontra-se com saldo de miséria, doenças e migração de seu para outras regiões, alarmantes. Muitos chegaram clandestinamente ao Brasil, sem nenhum documento, trazendo preocupação ao governo que dirigiu algumas ações para as regiões do Acre, onde eles aportaram, em sua grande maioria. Ao percebermos as tragédias enfrentadas pelos países estrangeiros, nos apercebemos de que nós, também, fomos vítimas de desastres naturais e assim encaminhamos nossa discussão pensando na documentação e patrimônio de uma das cidades brasileiras, especificamente Alagoa Grande, na Paraíba.

Para falarmos da documentação, não poderíamos deixar de abordarmos o local onde esta documentação é guardada- o arquivo. A partir da necessidade de registrar as informações foi preciso armazená-las, mas, a primeira dificuldade situou-se no plano do vocabulário, dos

termos dos arquivos. A palavra, portanto, serve para denominar a estante que armazena os documentos, como para denominar conjunto de documentos.

Segundo o Dicionário de Terminologia Arquivística (1996, p. 5) o Arquivo é:

Um conjunto de documentos que independentemente da natureza ou do suporte, são reunidos por acumulação ao longo das atividades de pessoas físicas ou jurídicas, públicas ou privadas. 2. Entidade administrativa responsável pela custódia, pelo tratamento documental e pela utilização dos arquivos sob sua jurisdição. 3. Edifício em que são guardados os arquivos.

Assim, tomando como base os conceitos, percebemos que os arquivos tem uma importância significativa na vida das pessoas e da sociedade, pois, há a necessidade de resgatar a memória existente. (HEREDIA e HERRERA, 1991, p. 106) afirmam que “Os arquivos nascem como uma necessidade da vida pública e privada, de fazer duradouras as ações religiosas, públicas e econômicas e, ao mesmo tempo, constituem-se na sua memória”. Isto revela a importância deles na vida cotidiana das pessoas.

A criação de um arquivo público é de suma importância: ele centraliza, em um só lugar, uma grande quantidade de documentos, encarregando-se ainda da seleção, classificação, catalogação, restauração e conservação dos mesmos (APE- Arquivo Público Estadual Pernambuco)

Um documento - fonte de dados mais rica e completa - por mais precioso que seja, torna-se inútil se não for devidamente classificado e catalogado. Portanto, é a acessibilidade, o elemento que o transforma em um bem de conhecimento público. (VAINSENER, Semira Adler, 2007).

Quando estabelecemos uma relação de relevância entre nosso objeto de estudo (os usuários que tiveram documentações perdidas na cidade de Alagoa Grande) e a importância dos arquivos, verificamos que a cidade não possui um Arquivo público, mas, por sua vez, têm o arquivo da prefeitura e do fórum. Ambos tiveram documentações destruídas pelas inundações e foram eles que utilizamos na pesquisa. Assim, lembramos que, os arquivos surgiram, primeiro detido pelas igrejas, depois por cartórios e hoje por instituições, ou seja, algumas cidades do Brasil ainda tem esta situação de precariedade em relação aos arquivos, pois não possuem arquivos públicos e a documentação gerada e recebida por pessoas físicas ou jurídicas fica dispersa.

Em relação às condições físicas da cidade de Alagoa Grande, verificamos que com o incidente da inundação, pelo menos 40 mil pessoas ficaram com o abastecimento de água prejudicado. O secretário de infraestrutura da Paraíba, na época, Hipólito Militão, informou que o nível das águas na parte urbana de Alagoa Grande atingiu dois metros e meio nas áreas mais baixas da cidade, depreende-se daí a situação dos documentos e as implicações para seus usuários.(Fonte:

[http://uj.novaprolink.com.br/noticias/25694/Comissao\\_devera\\_investigar\\_causas\\_da\\_tragedia\\_na\\_Barragem\\_de\\_Camara](http://uj.novaprolink.com.br/noticias/25694/Comissao_devera_investigar_causas_da_tragedia_na_Barragem_de_Camara)>. Acesso em 12 de dezembro de 2013)

Do ponto de vista técnico é decisivo afirmar que, historicamente, acervos documentais têm sido danificados ou totalmente perdidos devido a enchentes e infiltrações por falta de manutenção preventiva dos edifícios, tais como: obstrução de calhas e má conservação das instalações hidrossanitárias e elétricas. Aliado aos danos provocados pela água, outro fator é responsável pela deterioração da documentação é a exposição a altas temperaturas e a umidade relativa, as quais irão contribuir para que, em poucas horas, os acervos estejam contaminados por microrganismos e fragilizados pela umidade.

Para completarmos nossas análises percebemos ser importante ouvir a voz de um especialista na área de restauração e que teve como objeto de seus trabalhos: documentos que foram danificados pelas enchentes neste caso na cidade de Palmares-PE. Como a entrevista foi feita por um especialista, não analisamos do ponto de vista das categorias elencadas. Usamos a sua voz, para contrapor as outras vozes, utilizadas no capítulo das análises.

### **Respostas referentes as chuvas em Palmares**

#### **1-Você acha que o Brasil está preparado para enfrentar as enchentes?**

##### **Quadro 1-Resposta a questão 1**

Não. É... o Brasil como um todo, como outros países, ele não, não está preparado. A enchente é a ação da natureza, então local nenhum, lugar nenhum, esta preparado para uma ação da natureza. O que acontece, quando a enchente chega, naquele momento da enchente, o

que tive ao seu redor, ele sai destruindo, não adianta só construir barragens, não adianta só realizar ações, pequenas ações pra diminuir as enchentes. As enchentes pode ser prevenida sim, através de um trabalho político, sempre existe uma política em cima de diversas atividades para diminuir, mas em momento algum, creio eu, vai por completo fazer um tratamento por completo desse tipo de ação. Então eu não creio muito na...não sendo um trabalho político, uma ação política vai ter por completo ou deixar de existir enchentes.

## **2-Se as instituições conhecessem mais sobre documentação, elas teriam mais cuidado onde armazenar esse acervo?**

### **Quadro 2-** Resposta a questão 2

Eu vou te da um exemplo da enchente de Palmares. Palmares, Catente e Barreiros lá em Recife, Pernambuco. O que acontece, muitos desses acervos são armazenados em locais impróprios, ou a beira de um riacho, ou a beira de canal, né, e como eles ficam pertos das áreas, dos rios, mas eles ficam vulnerável a sua deteriorização, através não só da enchente, mas através da umidade que ela capta desses locais tem muitas destruições de fatores extrínsecos e intrínsecos. Mais a maioria dos acervos é perto...os rios sempre cortam as cidades, e eles ficam sempre pertos desses rios, agora hoje já estão com outros trabalhos, Palmares mesmo já está com outros trabalhos de construção de, é o caso de Palmares, eles estão construindo locais mais adequados, mais altos, né, porque? Porque diminui mais este impacto, então as pessoas, devido a esse caso em 2010 que eles procuraram construir né, acervos, bibliotecas, arquivos, ta, porque os próprios cartórios mais altos das cidades.

**Fonte:** Dados da pesquisa, 2013.

## **3- Como os usuários se sentem ao perder a documentação?**

### **Quadro 3-** Resposta a questão 3

Todo usuário quando perde a documentação fica preocupado, porque ali é a historia do individuo, historia da comunidade, história do município, né. Então no momento que perde essa documentação, perde a sua própria memória, então perdendo a memória, perde o que está escrito no documento, é...traz um desespero das pessoas, desses indivíduos.

**Fonte:** Dados da pesquisa, 2013.

**4- O senhor teve acesso a quais documentações das catástrofes para análise?**

**Quadro 4-** Resposta a questão 4

Bom, em relação aos documentos de Palmares, de catente, de Barreiros. Essa documentação era direcionada a documentos criminais e documentação de processo trabalhista também, é certo que essa documentação pertencia a cada morador da comunidade, então o trabalho que eu realizei em 2010 e 2011, foi baseado nos processos civil e trabalhista.

**Fonte:** Dados da pesquisa, 2013.

**5- Quem é as pessoas que enviam a documentação para o senhor? Quem é que chamam?**

**Quadro 5-** Resposta a questão 5

Deu inicio primeiro no TRT de Pernambuco da 6º vara e isso foi realizado no projeto para salva guarda desse patrimônio e no momento que esse projeto foi elaborado, com urgência. Fomos convidados para salvaguardar essa documentação, a parte de restauração e a parte de conservação também.

**Fonte:** Dados da pesquisa, 2013.

**6- Quem são os usuários que mais precisam dessa documentação?**

**Quadro 6-** Resposta a questão 6

Todos, não só os pesquisadores, os próprios moradores necessitam dessa informação e foi entregue essa documentação, observamos que os moradores começaram a busca as informações daqueles processos que eles estavam detectando, os moradores, pesquisadores, alunos de história, eles estão inseridos nesse contexto de busca da informação.

**Fonte:** Dados da pesquisa, 2013.

**7- Qual foi o estado que a documentação foi encontrada?**

**Quadro 7-** Resposta a questão 7

Péssimo estado de conservação, quando acontece uma catástrofe como essa, como no caso da de Pernambuco, no município de Palmares e Barreiros, eee..toda documentação, ele se encontrava no estado bem delicado, então é...foi encontrada nesse próprio contexto, na sua documentação assim, fungos, bactérias, muita lama, então você vai encontrar muito desse aspecto né, dessa documentação.

**Fonte:** Dados da pesquisa, 2013.

## 8- O processo de restauração é muito caro? Demora muito?

### Quadro 8- Resposta a questão 8

Todo processo de restauração ele se torna caro, mas hoje estamos usando também processos alternativos para minimizar o custo, NE, diminuir o custo, então tanto o processo se torna caro, também o processo só é realizado a partir de um diagnóstico e de um cronograma, demora, todo processo de restauração é demorado, ta.

**Fonte:** Dados da pesquisa, 2013.

Nas falas do entrevistado acima, percebemos a ausência de uma crença e sim a presença crítica e racional no que se refere a falta de uma política pública por meio dos governantes das cidades atingidas pelas enchentes, seja Alagoa Grande na Paraíba, seja Palmares no Estado de Pernambuco, o mesmo reconhece que se houvesse uma política pública para auxiliar nos processos de enchentes, o problema seria de uma certa forma resolvido. Mas afirma que a enchente é um processo natural, que ninguém pode impedir de acontecer, no entanto, a presença de instituições perto de rios aumenta a possibilidade de perda de documentação. O especialista afirma na pergunta número 1(um) que: **“As enchentes podem ser prevenidas sim, através de um trabalho político, sempre existe uma política em cima de diversas atividades para diminuir, mas em momento algum, creio eu, vai por completo fazer um tratamento por completo desse tipo de ação”**.

A fala do entrevistado, desse modo ecoa como uma das verdades que poderiam mudar a situação da documentação e estabelecer o canal entre usuário da informação e a informação disponibilizada de forma que agilizasse e otimizassem decisões de gestores, possibilitassem que usuários comuns tivessem facilitado suas vidas, já castigadas pela pobreza. E num sentido mais amplo verem salvaguardados seus bens culturais e afetivos. Desse modo, podemos inferir que se colocarmos dentro das nossas categorias analíticas temos:

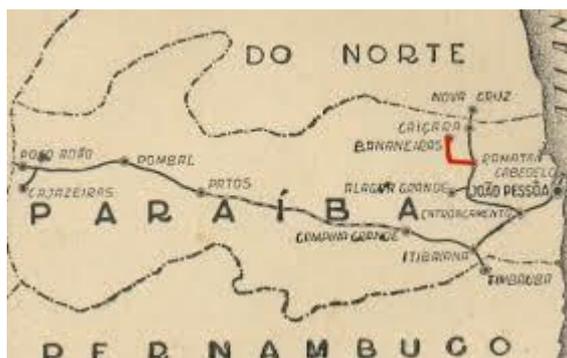
**Os crentes:** aqueles que no seu discurso apresentam características sem base no real acreditam que tudo está sob o controle de Deus

**Os crentes:** no Estado, que acredita que um dia um substituto de Deus: prefeito, governador ou presidente fará justiça. Na verdade estes estão preocupados apenas consigo mesmo. Fica claro, quando perguntam se estamos fazendo um cadastro para receberem auxílio, por conta do desastre que aconteceu.

Os de **Racionalidade com base no real:** Os movidos pela razão foram poucos eles não demonstraram estarem plenamente conscientes da situação e os que a as políticas públicas de preservação do patrimônio é algo que meio etéreo. Alguns dos gestores, por exemplo, não queriam dar entrevista porque tinha medo de retaliações. .

Em caso de enchentes, outro fator a ser enfrentado e de difícil eliminação é a camada de lama que fica impregnada nas folhas de papel, fotografias, películas, livros, discos, etc. Dessa forma, enfatizamos que dentro dos objetivos deste trabalho nos coube a tarefa de identificamos o impacto e a influência das grandes catástrofes ambientais existentes nos arquivos da cidade de Alagoa Grande que foi atingida pelas grandes chuvas no ano de 2004.

Analisamos os danos causados por tais catástrofes mapeando geograficamente os arquivos que foram destruídos por impactos ambientais nos Estado da PB, especificamente, na cidade citada acima. Os arquivos foram o do cartório do fórum eleitoral da 9( nona) zona de Alagoa Grande, da escola Estadual Apollônio Zenayde e da prefeitura municipal da cidade de Alagoa Grande, onde verificamos que estes arquivos sofreram danos irreparáveis com a catástrofe e principalmente por não haver uma política pública de recuperação da informação no país que estabeleçam mecanismos ou ações de Estado no tocante à preservação, conservação e restauração documental.



**Figura 1:** Mapa indicativo da cidade de Alagoa Grande

Fonte: [www.estacoesferroviarias.com.br](http://www.estacoesferroviarias.com.br). Acesso, em 11 de fevereiro de 2014.

Este mapa indica onde fica situada a cidade de Alagoa Grande, sentimos a necessidade de registrar e situar geograficamente através da figura acima o nosso Campo de observação. Abaixo, falaremos especificamente sobre os desastres e sua relação com a preservação de documentos.

## 2.1. CATÁSTROFES E PRESERVAÇÃO DOCUMENTAL

Ao abordarmos o assunto catástrofe fazemos um link com a problemática da preservação dos documentos, seu significado e importância. Segundo Silva (2008, p. 12), a preservação da informação arquivística governamental registrada em suporte convencional e acumulada, há décadas, não é ainda uma questão resolvida no Brasil. Ou seja, os arquivos públicos brasileiros ainda têm sérios problemas de preservação dos documentos tradicionais sob custódia, que vão desde ataques de fungos, térmitas, anóbios, acidez do papel, até a inexistência ou inconsistência nos procedimentos de avaliação de seus acervos. (Fonte: [http://www.ci.uff.br/ppgci/arquivos/Dissert/Dissertacao\\_Luana\\_Nascimento.pdf](http://www.ci.uff.br/ppgci/arquivos/Dissert/Dissertacao_Luana_Nascimento.pdf)). Acesso em 11 de janeiro de 2014)

Os problemas em preservar a documentação são muitos e estão relacionados à deteriorização de documentos, eles podem ser detectados até mesmo nos suportes. Os problemas de preservação apresentam desde a sua produção, fatores intrínsecos de deterioração, pois não há uma preocupação com a sua durabilidade. Mas, além desses fatores, também temos os extrínsecos que isolados ou conjugados, causam a deteriorização do documento, sem importar qual o suporte. Abaixo alguns fatores extrínsecos que podem danificar a documentação:

- Umidade e temperatura
- Radiações luminosas
- Poeira e poluição atmosférica
- Ataques biológicos (insetos e micro-organismos)
- Catástrofes (enchentes, incêndios)
- Manuseio e acondicionamento inadequados

**Fonte:**(<http://www.arquivopublico.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=37>).

Acesso em 20 de dezembro de 2013 )

**A Preservação** em um sentido geral trata-se de toda a ação que se destina à salvaguarda dos registros documentais. Já a **Conservação Preventiva** é um conjunto de medidas e estratégias administrativas, políticas e operacionais que contribuem direta ou indiretamente para a conservação da integridade dos acervos e dos prédios que os abrigam. São ações para adequar o meio ambiente, os modos de acondicionamento e de acesso, visando prevenir e retardar a degradação. Temos também a **Conservação reparadora** que trata-se de toda intervenção na estrutura dos materiais

A deterioração do documento pode e deve ser controlada a partir de medidas preventivas que garantam o acesso a documentação. Segundo Norma Cianflone Cassares, no manual de Política de Preservação de Documentos Arquivísticos do arquivo do Estado de São Paulo (2011), no referente à matéria de se estabelecer uma Política de Preservação, temos de elaborar um Plano (Programa) de Preservação onde estejam bem definidas as necessidades gerais e específicas, destinadas aos bons procedimentos, no trato das coleções, embasados na identificação das prioridades e dos recursos para implementação do mesmo.

No nosso trabalho, percebemos que a maioria das pessoas não conseguiu resgatar e tão pouco restaurar os seus documentos, desde a documentação pessoal dos usuários da cidade, até a documentação do arquivo. A documentação do cartório eleitoral, 9(nona) zona da cidade de Alagoa Grande-Pb que restou da catástrofe continua no arquivo, guardada em uma caixa, mas não está restaurada, não podemos afirmar que esta documentação esteja totalmente organizada e conservada, seguindo os padrões da arquivística.

O objetivo de organizar e conservar adequadamente os arquivos adquire toda a sua dimensão cidadã, se assumirmos que estes centros colaboram muito diretamente no crescimento, entre outros, dos valores do patrimônio público, memória, identidade e conhecimento, os quais, e não por acaso, se associam normalmente as finalidades

irrenunciáveis o moderno conceito de cultura. (FULGUERAS, 2001, p.13 apud BELLOTO, 2002, p.16).

A preservação dos documentos, portanto, é relevante para “o dever e poder” da memória, da identidade dos cidadãos e, para preservação dos bens culturais da cidade. Mesmo com a grande influencia dos documentos eletrônicos existentes, a guarda e restauração desta documentação perdida, torna-se relevante para nós.

Na óptica da ciência da informação, Silva (2006, p. 159) afirma que preservação implica três planos distintos:

a conservação e o restauro do suporte, sendo este plano dominado pelo contributo de ciências naturais com suas tecnologias e procedimentos testados e padronizados, gerando-se potenciais estratégias interdisciplinares; a adoção de medidas de gestão (Políticas públicas) através de legislação e de organismos regulamentadores e fiscalizadores; e a intencionalidade orgânica de preservar para usar face a necessidades e imperativismos orgânico-funcionais vários.

Alguns métodos são utilizados para a realização de uma preservação de documentos, isto faz com que o trabalho do arquivista torne-se mais prático. Silva, 2008, apud Cook, 1997, p.100, esclarece que: os métodos tradicionais de preservação de documentos de arquivo eram baseados em padrões apropriados de reparos, restauração, armazenagem e uso dos seus suportes físicos. Com os documentos eletrônicos, os suportes físicos tornaram-se quase que totalmente irrelevantes, na medida em que os documentos terão seus conteúdos migrados muito antes da deteriorização física de seus suportes. O que passa a ser importante é a sua funcionalidade, proveniência e originalidade, e é sobre estes problemas que os arquivistas deverão focar a sua atenção. A afirmação embora seja uma verdade e uma tendência, torna-se passível de crítica, uma vez que não podemos fazer o apagamento do que já existe, eliminá-lo sem nenhuma preocupação, pois estes documentos em suporte de papel são recursos para identificação de uma série documental, de um grupo ou mesmo de um fundo que pode ser para administração e memória institucional.

### 3. USUÁRIO DA INFORMAÇÃO E AS CATÁSTROFES AMBIENTAIS

O aparecimento do que chamamos de sociedade da informação e/ou do conhecimento, surgiu com o impacto das inovações tecnológicas. A busca por uma nova descoberta fazia com que o homem fosse além do seu tempo, distinguindo do pensar cotidiano, buscando inovar as fontes do conhecimento tornando-se mais acessível ao usuário. (Fonte: [http://web.spi.pt/turismo/Manuais/Manual\\_III.pdf](http://web.spi.pt/turismo/Manuais/Manual_III.pdf)>).

Na Arquivologia, a ciência da informação funciona como peça chave registrada nos suportes para os documentos. É por esta razão que os arquivos são criados para futuramente serem conservados, vindo a ser fonte de conhecimento. Neste capítulo abordamos a importância do acesso à informação, pelo usuário.

Há uma definição posta por Silva (2006: p 62) que nos parece importante destacar, neste momento. Segundo ele é necessário identificar a especificidade da informação, enquanto humana e social e, por outro lado, fazer a articulação entre as suas facetas, quais sejam: à produção e a circulação nos mais diferentes contextos de conteúdos orgânicos e estratégicos, através de um vasto lastro de pesquisas capazes de serem sistematizados, pois só assim teremos uma via fecunda e interdisciplinar com outros campos científicos.

Para nós, as palavras do autor, demonstram uma preocupação de cunho científico e epistemológico que irá desembocar numa prática arquivística, porque só conhecendo a fundo a problemática da informação no mundo é que seremos capazes de pensar no seu acesso. Sem pretensão, neste trabalho de responder a todas as perguntas que o tema sugere, porém com o material empírico analisado, poderemos tentar desvendar perguntas como estas que também estão postas em Silva (2006):

Que relação existe entre a informação e a realidade? Que relação existe entre informação e o sujeito? É possível o ser humano estar no mundo sem conhecimento? Qual a relação entre informação e ação? Para que serve a informação? O que é uma informação útil? A informação guia a utilidade, ou é a utilidade que guia a informação?

Em nosso trabalho quando buscamos entender como as catástrofes naturais interferem na informação/comunicação do usuário, certamente teremos de responder tais questionamentos elencados acima.

No que se refere ao usuário e as catástrofes precisamos pensar no impacto que a destruição da barragem de camará causou na vida da população de Alagoa Grande e como o usuário da informação pode ter acesso a documentação perdida. Como ficaram as informações? Como recuperá-las?

Os Estudos de usuários são investigações que se fazem para saber o que os indivíduos precisam em matéria de informação, ou então, para saber as necessidades de informação por parte dos usuários de uma biblioteca ou de um centro de informação estão sendo satisfeitas de maneira adequada (FIGUEIREDO 1994). Assim, podemos perceber que a investigação do impacto ao acesso às informações perdidas é importante, pois, a partir deste estudo vamos percebendo a necessidade informacional dos usuários, levando-se em consideração a grande destruição. No referente a nosso objeto de estudo, o usuário da informação da cidade de Alagoa Grande, podemos inferir que a documentação perdida tinha um valor para cada cidadão e o acesso aos depoimentos dos usuários nos possibilitou analisar a relação usuário-serviço. Como este usuário da cidade fez para ter acesso a uma documentação que foi devastada pela chuva, mesmo sabendo que não possuía um arquivo na cidade que pudesse lhe auxiliar? Pois bem, identificamos o uso, mas também antes de tudo, identificamos as necessidades de informação do usuário, pois conhecer este perfil facilita a busca pela documentação.

No campo arquivístico, a memória exerce uma centralidade que leva, com frequência, a se identificar os arquivos como lugares de memória. “A memória no espaço arquivística só é ativada, porém se tais lugares de memória forem gerenciados também como lugares de informação, onde esta não é apenas ordenada, mas também transferida.” (Jardim, 1998). É enquanto lugares de informação - espaços (às vezes virtuais) caracterizados pelo fluxo informacional - que os arquivos (em qualquer uma das fases do ciclo vital) redefinem sua dimensão político-social.

Kurtz (ibid., p. 37-38) reconhece que:

Somente nos últimos anos, os arquivistas têm sentido necessidade de empreender uma abordagem mais sistemática sobre o usuário de seus acervos. ... Os arquivistas estão cientes da necessidade de entender os usuários, mas não têm ainda bem definidos os procedimentos para projetar os estudos de usuários, especialmente ‘quem’ e ‘o que’ deve ser estudado, ‘quando’ e ‘onde’ os estudos devem ser conduzidos e como coletar informação sistematicamente.”

Para dar ainda maior fôlego para a nossa argumentação, nesta busca por conjuntos documentais destruídos ou danificados e sua relação com as pessoas e entidades, destacamos o que afirma, Oliveira (2006, p.31). A mesma entende informação dentro de uma perspectiva arquivística como:

Uma representação registrada a partir de sua inserção em contexto administrativo de uma entidade coletiva ou de vida de uma pessoa ou família, passível de organização, tratamento, preservação, contextualização e comunicação, e como recurso para geração de conhecimento ou para o processo de tomada de decisões, podendo ser utilizada por multiusuários e produzir vários sentidos.

Temos assim, o papel das unidades de informação como instituições sociais responsáveis pela realização e promoção de práticas informacionais, de exigência político social e epistemológica de que estas sejam cada vez mais justas, democráticas e acessíveis – compreendendo-se práticas informacionais como práticas sociais, culturais e educativas de tratamento, organização e comunicação da informação, como geração, transferência, difusão/disseminação, armazenamento, recuperação e uso da informação

(ARAÚJO, 1998; MARTELETO, 1992).

Não podemos dizer conforme enfatiza Lopez (2008, p. 5), que os arquivos estão presentes em todas as esferas sociais, por tratarem dos documentos como produtos das múltiplas atividades da organização e gestão humana. Assim, a trajetória dos arquivos brasileiros, está sendo muito estudada nas últimas décadas, principalmente quando falamos nos arquivos considerados públicos, sua organização e acesso.(<http://revista.ibict.br/ciinf/index.php/ciinf/article/viewFile/439/397>)

No artigo intitulado *o acesso á informação arquivística no Brasil: problemas de acessibilidade e disseminação*, Fonseca e Jardim nos mostram que nos anos 90,

a situação dos arquivos públicos e o tema da acessibilidade conta com novas abordagens. A produção de conhecimento arquivístico, até então praticamente restrita aos arquivos públicos, encontra lugar nos programas de pós-graduação, ampliando-se a literatura - ainda que dispersa - sobre o tema no Brasil.

Podemos assim, considerar que a Lei de Acesso a Informações trouxe um passo de amplitude considerável para o estado de direito no Brasil. Segundo consta no boletim do portal planalto: Esta Lei nº 12.527, sancionada pela Presidenta da República em 18 de

novembro de 2011, tem o propósito de regulamentar o direito constitucional de acesso dos cidadãos às informações públicas e seus dispositivos são aplicáveis aos três Poderes da União, Estados, Distrito Federal e Municípios.

Isto implica que em tese haverá uma maior participação popular e controle sobre o que se faz e planeja na esfera pública. É sabido também que A Constituição também tratou do acesso à informação pública no Art. 5º, inciso XIV, Art. 37, § 3º, inciso II e no Art. 216, § 2º. São estes os dispositivos acima que a Lei de Acesso a Informações regulamenta entre eles:

O dever do Estado em assegurar o direito de acesso à informação, que será franqueado, mediante procedimentos simples e ágeis, de forma objetiva, transparente, clara e em linguagem de fácil compreensão, devendo ser prestados os eventuais esclarecimentos que forem solicitados, estabelecendo requisitos mínimos para a divulgação de informações públicas e procedimentos para facilitar e agilizar o seu acesso por qualquer pessoa.

Desta forma, vemos respaldados os direitos de cada pessoa no uso de informações que serão úteis para seu cotidiano. Para o profissional da informação, em particular o arquivista, verificamos que esta é mais uma norma que ele tem de absorver e implantar em seu ambiente de trabalho: os arquivos- se constituindo, assim, o lugar por excelência de preservação e divulgação da memória. Cabe desse modo, ao arquivista, mover-se no sentido de cumprir a lei, ou seja: tornar acessível à documentação comprobatória ou apenas informativa, que pretenda o cidadão obtê-la.

Quando citamos o problema dos arquivos municipais, as dificuldades ao acesso à informação arquivística parecem adquirir proporção ainda maior que nos níveis federais e estaduais. O trabalho de Fonseca (**Fonseca, 1996**) aborda os arquivos das capitais estaduais, demonstrando que apenas 51% destas (11 cidades) possuem estrutura de arquivo público municipal. Neste trabalho, esta informação é relevante, pois, na cidade não possui um Arquivo público, mas há os arquivos dos fóruns e da prefeitura que certamente, como indicamos anteriormente, não ficaram de fora da destruição causada na cidade e, sendo assim, saber onde esta massa documental foi guardada é de extrema importância, pois, auxiliará na busca pela informação além de enfatizar o impacto que a catástrofe causou sobre o acesso á informação.

Segundo Fonseca (**ibid.**, p.33) o índice de recolhimentos nestes arquivos é extremamente baixo: menos de um por ano nos últimos cinco anos. "... e as características dos mesmos - 28,57% sem as datas limites indicadas, 4,7% de publicações, 14,28% dos órgãos de

assessoria de comunicação social e 9,52% de órgãos aos quais o arquivo está subordinado -, revelam recolhimentos de massas documentais sem qualquer organização, recolhimentos de material de divulgação, indicando uma política assistemática e casuística de entrada de documentos nos arquivos, empobrecendo seus acervos. As datas-limites destes recolhimentos corroboram este fato, indicando a existência de documentos datados do início do século só recentemente recolhidos aos arquivos públicos. Pode-se concluir, então, que mesmo para a pesquisa histórica, vista como a "menina dos olhos" das instituições arquivísticas de moldes tradicionais, os acervos disponíveis são muito pobres".

Levando-se em consideração a dificuldade do acesso do usuário a informação, (Le Coadic, 1997), diz que, o paradigma predominante nos serviços de informação – a abordagem mais voltada ao emissor que ao receptor da mensagem – tende a ser substituída por aquela voltada ao receptor-usuário (o que não exclui evidentemente a atuação deste último como receptor). O modelo emissor-receptor, considerado linear, mecanicista, hierárquico e desigual enfrenta, portanto, vários questionamentos. Portanto, o acesso à informação é um direito, mas também relaciona-se a um mecanismo político e cultural que garantem o resultado deste direito.

Para Dias (2003, p. 29), “usabilidade é uma qualidade de uso de um sistema, diretamente associada ao seu contexto operacional e aos diferentes tipos de usuários, tarefas, ambientes físicos e organizacionais”. Nessa perspectiva, a usabilidade está ligada ao diálogo promovido pela interface com a máquina e à capacidade de alcance dos usuários acerca de seus objetivos de interação com o sistema. Ao analisar a usabilidade, é correto afirmar que ao fazê-la pensamos no usuário, no início, no fim e sempre, desde a criação ao desenvolvimento de um sistema, pois a interface entre usuário-sistema implica a usabilidade.

No art. 19 da Declaração Universal dos Direitos do Homem, Fruto da revolução Francesa, encontramos a ideia do **direito à informação**, que no Estado liberal do século XIX, a informação ainda carecia de relevância jurídica. A proteção constitucional destinava-se à conduta capaz de gerar informação.

Assim, fica clara a nossa opção que é a de refletir sobre a necessidade de ampliação das perspectivas do paradigma social da informação, o reconhecendo como uma construção social, de natureza dinâmica e recontextualizável, e se pudermos contribuir como futuro profissional da Informação nos processos de inclusão social do país, apontando os desafios que temos, quer seja de ordem puramente intelectual ou de ordem técnica, como no caso do

presente trabalho em que de reconhecemos o nível de legitimidade/ condições estruturais que temos no país e diante de fenômenos como as catástrofes, buscamos respostas que contribuam para ações efetivas, para vida do cidadão, então cumprimos nossa missão na sociedade contemporânea.

Procedida esta breve revisão da literatura com pinceladas de nossa visão crítica, passaremos a seguir, a tratar do como foi feito e dos passos seguidos para a materialização da nossa análise.

#### 4. PROCEDIMENTOS METODOLOGICOS

Este trabalho tratou-se de uma pesquisa empírica, de abordagem qualitativa, do tipo documental e descritivo. A pesquisa foi considerada empírica porque pretendeu analisar os danos causados pelas catástrofes ambientais em documentações perdidas. Segundo Rodrigues (2007, p.42), “pesquisa de campo é aquela que busca fontes primarias, no mundo dos acontecimentos não provocados nem controlados pelo pesquisador, que se caracteriza por desenrolar-se em ambiente natural”.

A escolha pelo estudo qualitativo deu-se por ser uma investigação de fatos que ocorreram em Alagoa Grande, a natureza do fenômeno em questão. Assim, segundo Richardson (1999, p. 70):

o método qualitativo difere, em principio, do quantitativo a medida que não emprega um instrumental estatístico como base do processo de análise de um processo de análise de um problema. Não pretende numerar ou medir unidades ou categorias.

A investigação foi do tipo qualitativa, uma vez que verificamos *in loco* uma situação real e a partir de dados levantados pudemos fazer uma interpretação dos fatos estabelecendo categoria de análise como crenças e visão real dos fatos (racionalidade).

Considerou-se, ainda, a pesquisa como documental e descritiva, porque trabalhamos diretamente com as documentações da catástrofe. Consideramos importante levantar informações, ou seja, fazer um mapeamento dos arquivos que foram destruídos por impactos ambientais na cidade de Alagoa Grande na Paraíba. Portanto, estamos em acordo com Rodrigues (2007, p. 29) que afirma que, “pesquisa documental é a que se vale se não unicamente, pelo menos básica ou predominantemente de documentos como fontes de informação.”.

Ainda a partir do pensamento de Rodrigues (2007, p. 29), a pesquisa descritiva é:

aquela que apresenta informações, dados, inventários de elementos constitutivos ou contíguos ao objeto, dizendo o que ele é, do que se compõe, em que lugar está localizado no tempo e espaço, indicando regularidades ou irregularidades, mensurando, classificando segundo semelhanças e diferenças, situando-o conforme as circunstâncias.

De acordo com Silva e Menezes (2001, p. 32), “população (ou universo da pesquisa) é a totalidade de indivíduos que possuem as mesmas características definidas para um determinado estudo”. É o meio ao qual pertence o objeto a ser estudado, bem como os agentes diretos.

Utilizamos como universo da pesquisa a cidade alvo das catástrofes ambientais, no interior da Paraíba e, investigamos o modo como às pessoas que tiveram as documentações perdidas conseguiram recuperar informação.

Conforme Silva e Menezes (2001, p. 32), “amostra é parte da população ou do universo, selecionada de acordo com uma regra ou plano. A amostra pode ser probabilística e não probabilística”. Nesta pesquisa utilizamos a amostra não probabilística.

Amostragem é o método que nós utilizamos para encontrar a amostra, no nosso caso foi a amostra não probabilística intencional ou de seleção racional. Richardson (1999, p. 161), afirma que “os elementos que formam a amostra relacionam-se intencionalmente de acordo com certas características estabelecidas no plano e nas hipóteses formuladas pelo pesquisador”. Sendo assim, consideramos nossa amostra as pessoas que utilizam os arquivos da cidade em busca pela informação.

Foram entrevistados 12(doze) pessoas, dentre elas gestores e usuários dos arquivos atingidos, mulheres e homens de idades diferenciadas que conviveram com o desastre de Camará e que hoje ainda lutam em busca de algo, ou melhor, de um valor financeiro ou mesmo moral, que os auxilie na construção de uma nova vida.

Utilizamos a amostragem não probabilística intencional ou de seleção racional, porque fizemos entrevistas com as pessoas do arquivo bem como fizemos uma observação, como citado anteriormente *in loco*.

Utilizamos como instrumentos de coletas de dados para nossa pesquisa a entrevista e a observação, que foram realizadas pessoalmente através de gravação da fala dos entrevistados na cidade, a entrevista foi realizada em audio e transcrita integralmente. Com as entrevistas e as observações tentamos entender melhor o impacto que as catástrofes que ocorreram na cidade de Alagoa Grande tiveram sobre os arquivos, como os usuários fizeram a busca pela informação, como recuperaram as informações que foram perdidas com as enchentes.

Segundo Silva e Menezes (2001, p.33) “a definição de instrumento de coleta de dados depende dos objetivos que se pretende alcançar com a pesquisa e do universo a ser investigado”. Os tipos de instrumentos de coletas de dados são: observação, entrevista, questionário, formulário. Dentro das metas traçadas pelos nossos objetivos e a partir dos instrumentos de coletas de dados apresentados foi escolhido para trabalhar na pesquisa, a observação, que Silva e Menezes (2001, p.33) trazem como sendo: quando se utilizam os sentidos na obtenção de dados de determinados aspectos da realidade”. Observamos as características dos arquivos da cidade, especificamente usamos a observação sistemática: que é uma observação planejada e realizada em condições controladas para responder aos propósitos preestabelecidos. Também utilizamos como instrumento para coletar dados a entrevista guiada para descobrir os aspectos e as mudanças que as catástrofes causaram no processo de busca pela informação. Segundo Richardson (1999, p.212), entrevista guiada é:

É uma entrevista onde o pesquisador conhece previamente os aspectos que deseja pesquisar e, com base neles, formula alguns pontos a tratar na entrevista. As perguntas dependem do entrevistador, e o entrevistado tem a liberdade de expressar-se como ele quiser guiado pelo entrevistador.

Para melhor compreensão da análise de nossos sujeitos fizemos os quadros abaixo, utilizando algumas informações sobre eles. O primeiro grupo é o de gestores, depois vem os usuários com profissões determinadas e usuários comuns aposentados ou donas de casa. Não identificamos por nomes, mas fizemos um reconhecimento por numeração.

**Quadro 9-** Perfil dos Gestores entrevistados

| <b>NOME</b>     | <b>SEXO</b> | <b>IDADE</b> | <b>PROFISSÃO</b> |
|-----------------|-------------|--------------|------------------|
| <b>GESTOR 1</b> | MASCULINO   | 40 ANOS      | ATENDENTE        |
| <b>GESTOR 2</b> | FEMININO    | 35 ANOS      | PEDAGOGA         |
| <b>GESTOR 3</b> | MASCULINO   | 45 ANOS      | COMERCIANTE      |
| <b>GESTOR 4</b> | FEMININO    | 45 ANOS      | PEDAGOGA         |

**Fonte:** dados da pesquisa, 2013.

**Quadro 10-** Perfil dos Usuários entrevistados

| <b>NOME</b>           | <b>SEXO</b> | <b>IDADE</b> | <b>PROFISSÃO</b> |
|-----------------------|-------------|--------------|------------------|
| <b>ENTREVISTADO A</b> | MASCULINO   | 42ANOS       | PROFESSOR        |

|                       |           |         |                           |
|-----------------------|-----------|---------|---------------------------|
| <b>ENTREVISTADO B</b> | FEMININO  | 90 ANOS | DO LAR                    |
| <b>ENTREVISTADO C</b> | FEMININO  | 30 ANOS | EMPRESÁRIA                |
| <b>ENTREVISTADO D</b> | MASCULINO | 45 ANOS | EMPRESÁRIO                |
| <b>ENTREVISTADO E</b> | FEMININO  | 50 ANOS | PEDAGOGA                  |
| <b>ENTREVISTADO F</b> | MASCULINO | 40 ANOS | PROFESSOR                 |
| <b>ENTREVISTADO G</b> | MASCULINO | 40 ANOS | COMERCIANTE               |
| <b>ENTREVISTADO H</b> | MASCULINO | 50 ANOS | AGRICULTOR                |
| <b>ENTREVISTADO I</b> | MASCULINO | 49ANOS  | RESTAURADOR/<br>PROFESSOR |

**Fonte:** dados da pesquisa, 2013.

## 5. O NOSSO OBJETO DE ANÁLISE: Alagoa Grande na Paraíba e os usuários da informação registrada.

O estudo realizou-se na cidade de Alagoa Grande, na Paraíba, atingida pelas chuvas nos anos de (2004). Alagoa Grande é um município do estado da Paraíba, que limita-se com os municípios de Juarez Távora, Areia, Alagoinha, Mulungu, Serra Redonda, Massaranduba e Alagoa Nova. O nome da cidade é escrito numa forma arcaica de português, já que atualmente não se escreve mais a palavra lagoa com a aposição de “a” inicial (embora em Portugal, ainda hoje se usa essa grafia para lagoa).



**Figura 2-** Vista panorâmica da cidade

No ano de 2004, a cidade sofreu com as grandes chuvas que romperam com a barragem de Camará. O fato foi notícia em telejornais nacionais e internacionais, sendo algumas providencias tomadas. Do latim *Catastrōphe*, o termo *catástrofe* diz respeito a um evento fatídico que altera a ordem regular das coisas. A *catástrofe* pode ser natural, como um tsunami, a seca ou uma inundação, ou provocada pelo homem como uma guerra. O que aconteceu em Alagoa grande pode ser definido como uma *catástrofe ambiental*, porém anunciada, uma vez que era do conhecimento público que as barragens não aguentariam um grande volume de águas, fato que acabou acontecendo.

No início de 2004, fortes chuvas causaram inúmeros transtornos à população dos municípios localizados na bacia do rio Mamanguape, gerando os primeiros desabrigados e desalojados nos municípios de Mulungu e Gurinhém num total de 230 famílias. Em 23 de janeiro do mesmo ano, com a continuidade das chuvas, a Defesa Civil entrou em alerta máximo. No início de fevereiro, como o solo já se apresentava saturado e os açudes cheios, foram registradas as primeiras inundações em várias cidades paraibanas, principalmente naqueles municípios cortados ou margeados pelos rios principais, como os rios Paraíba, Mamanguape, Piancó, ou por seus afluentes. No período de um mês (12/01/04 a 12/02/04), o

número de desabrigados foi de 4.636 nos municípios que margeiam o rio principal (Mamanguape) com 13 registros de vítimas fatais (AAGISA, 2004).

O incidente elevou o nível do Mamanguape em mais de cinco metros, em alguns pontos de Alagoa Grande, a água atingiu quase dois metros dentro das casas. A ponte que ligava a cidade aos municípios de Areia e Alagoa Nova foi destruída e levada pelas águas.



**Figura 3** – Barragem de Camará

**Fonte:** [http://rafaelrag.blogspot.com.br/2011/12/foto-de-ailton-premiada\\_.html](http://rafaelrag.blogspot.com.br/2011/12/foto-de-ailton-premiada_.html) . Acesso em 29 de março de 2013.



**Figura 4:** Documentação perdida no dia da enchente

**Fonte:** Fotos registrada pelos funcionários do cartório na época da enchente.

Ainda sobre a cidade, podemos afirmar que Alagoa Grande é uma região que cresceu muito no século XIX, através da agricultura baseada na cana de açúcar, que utilizava intensivamente a mão de obra escrava. Em seu centro ainda existem casarões que até hoje testemunham esse momento de grandeza econômica do município e foram construídos por escravos. Na cidade, se localiza a comunidade quilombola de Caiana dos crioulos, herança dos negros que ajudaram no crescimento econômico e cultural da cidade. A entrada da cidade é em homenagem a Jacson do Pandeiro, que nasceu em Alagoa Grande, na Paraíba, em 31 de agosto de 1919. Vindo de uma família de artistas populares, sua história reforça a influência da cultura negra na música nordestina. Em 54 anos de carreira, foi responsável, ao lado de Luiz Gonzaga, pela popularização nacional de canções nordestinas. Segundo dados do IBGE (Censo 2010) a cidade tem 29.169 habitantes, possui um clima Quente e úmido e temperatura média de 26 C.



**Figura 5-** Entrada da cidade

**Fonte:** <http://rafaelrag.blogspot.com.br/2011/12/foto-de-ailton-premiada-.html> . Acesso em 29 de março de 2013.

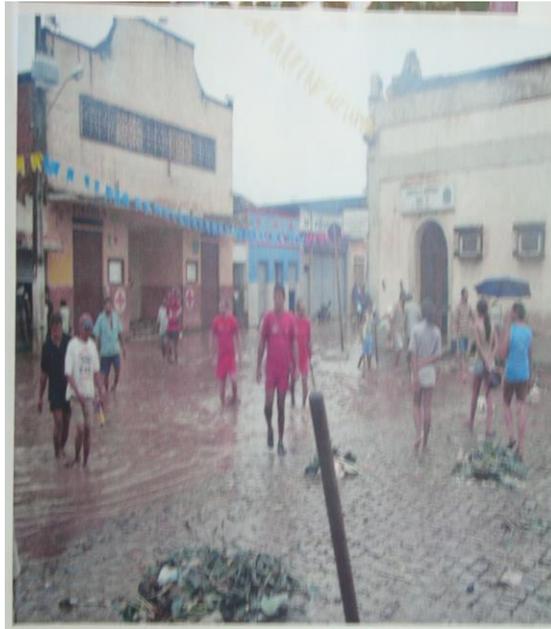


**Figura 6-** Antiga ponte que ligava a cidade aos municípios.

**Fonte:** [http://rafaelrag.blogspot.com.br/2011/12/foto-de-ailton-premiada\\_.html](http://rafaelrag.blogspot.com.br/2011/12/foto-de-ailton-premiada_.html) .

Acesso em 29 de março de 2013.

Segundo jornais do Estado da Paraíba do ano de 2004, como o G1 a barragem tinha capacidade para 27(Vinte e sete) milhões de metros cúbicos de água e estava, segundo o governo estadual, com cerca de 60%(Sessenta por cento) de sua capacidade. As rachaduras provocaram um vazamento tão grande que as autoridades estimavam que a represa ficasse com apenas 3%(Três por cento) de toda a água acumulada no inverno. A represa de Camará beneficiava cerca de 160(cento e sessenta) mil pessoas. Com o acidente pelo menos 40 mil pessoas ficaram com o abastecimento prejudicado. A barragem tinha capacidade para 27(vinte e sete) milhões de metros cúbicos de água e estava, segundo o governo estadual, com cerca de 60%(sessenta por cento) de sua capacidade. O governo calcula que 17(dezessete) milhões de metros cúbicos de água foram liberados de uma só vez.



**Figura 7:** Cidade de Alagoa Grande há 10 anos atrás quando foi atingida pela chuva.  
**Fonte:** Fotos registradas pelos funcionários do cartório na época da enchente.

Além de casas e dos bens materiais perdidos pelas águas das chuvas, as pessoas tiveram documentações perdidas. Na cidade que não há um Arquivo público, como evidenciamos anteriormente, mas há os arquivos dos fóruns e da prefeitura que certamente não ficaram de fora da destruição causada na cidade, assim enfatizamos o fato de como a população que perdeu informações essenciais de sua vida tem lidado frente às dificuldades de resolver problemas de ordem burocrática.



(a)



(c)



(b)

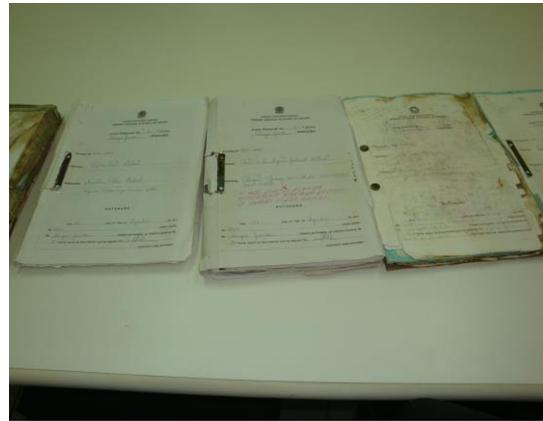
(d)

**Figura 7.1** – Fotos da área urbana do município de Alagoa Grande em janeiro/fevereiro de 2004. (a) Lagoa no centro do município. (b) Ponte sobre o rio Mamanguape – Jusante. (c) Casa destruída pelas chuvas – Canafístula. (d) Rua que ficou completamente alagada

**Fonte:** AAGISA, 2004

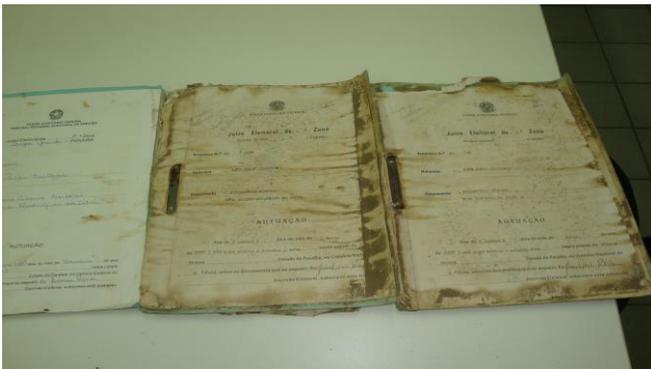
## 6. ANÁLISE DOS DADOS COLETADOS

Em nossa observação *in loco* verificamos os arquivos dos cartórios, escolas, lugares onde se guarda documentação administrativa. Encontramos no cartório da cidade o que restou de documentação, devido a tragédia que ocorreu:



**Figura 8:** documentação que estava no cartório no dia da catástrofe

**Fonte:** Dados da pesquisa 2013.



**Figura 9:** Documentação do cartório que restou com as chuvas

**Fonte:** Dados da pesquisa 2013.

Através desta documentação acima, podemos perceber que o estado de conservação é problemático, mas há legibilidade das informações, mas foi a única caixa que restou de todos

os processos que estavam no cartório na época, a documentação deve ser manuseada com luvas e com bastante cuidado, pois encontra-se em um estado delicado.



**Figura 10:** Documentação que estava no arquivo no dia da catástrofe.  
**Fonte:** Dados da pesquisa 2013.

Acima, vemos a documentação no dia da enchente, como ficou depois da chuva e como eram guardados os documentos na época, dentro de um armário e sem muito cuidado. Estes registros nos dão uma visão de como ficaram as informações registradas da cidade. A seguir vamos analisar a fala das pessoas em relação ao dia do evento e suas consequências.

Através das entrevistas, com os moradores, percebemos o cuidado em salvar seus documentos, já com os gestores das instituições, percebemos que deram prioridade em salvar a população que estava precisando de ajuda naquele momento, atentaram em ir em busca de casas de apoio para as famílias desabrigadas e ajudar aqueles que perderam seus familiares.

## Entrevista 1: Gestores dos arquivos

### 1- Com a catástrofe muitos documentos foram perdidos? Quais?

**Quadro 11-** Resposta a questão 1

|                 |  |
|-----------------|--|
| <b>GESTOR 1</b> | Muitos documentos dos quais, muitos processos que estavam em andamento.  |
| <b>GESTOR 2</b> | Sim, boa parte do ano de 2001 a 2004, grande parte foi perdida, que estava na frente e não no almoxarifado. Históricos, cadernetas, históricos de 1970 e pouco, tem noção porque as pessoas chegam pedindo e a única desculpa é camará e também um incêndio que houve antes. |
| <b>GESTOR 3</b> | Vários documentos referentes a questão comercial. O computador com todos os dados, dados de clientes em relação a crediários, históricos, nesta questão de arquivo não foi totalmente prejudicado em função dos backups que ajudou bastante ao que levou a catástrofe.       |

**Fonte:** dados da pesquisa, 2013.

### 2- Conseguiu recuperar alguma documentação?

**Quadro 12-** Resposta a questão 2

|                 |   |
|-----------------|---|
| <b>GESTOR 1</b> | Não. Ficaram muito danificados, estão arquivados a parte e são manuseados com luvas.  |
| <b>GESTOR 2</b> | Nenhuma.  |
| <b>GESTOR 3</b> | Em parte. Nesta questão de informação dos clientes que entra, foi um backup que existia a pouco menos de 2 meses antes, ai entre estes dois meses que aconteceu a catástrofe foi perdida. |

**Fonte:** dados da pesquisa, 2013.

### 3- Há um local específico para tal documentação?

**Quadro 13-** Resposta a questão 3

|                 |   |
|-----------------|---|
| <b>GESTOR 1</b> | Existe um local, não adequado, mas existe um arquivo atrás.   |
| <b>GESTOR 2</b> | Não, porque a lama de camará foi uma lama muito grudenta, então, por mais que tentasse lavar o papel, era uma lama que não tinha facilidade de puxar e descolando, por isso que foi perdendo muitos históricos. |
| <b>GESTOR 3</b> | Não, ela ate foi perdida nesta questão de visualização, nossa loja foi uma das poucas que não tive as 100 % das portas arrobadas pela questão da força da água, então ela ficou no meio da lama.                |

**Fonte:** dados da pesquisa, 2013.

### 4- A documentação esta toda restaurada?

**Quadro 14-** Resposta a questão 4

|                 |   |
|-----------------|---|
| <b>GESTOR 1</b> | Não, estão parados, não foram restaurados, cabe ao TRE resolver.  |
| <b>GESTOR 2</b> | A documentação perdida não foi restaurada, infelizmente foi danificada e não teve como restaurar.   |
| <b>GESTOR 3</b> | Ela foi guardada, mas como tínhamos esta informação do backup então, boa parte dela como ficou muito difícil à visualização ai realmente ela foi jogada fora é boa parte jogada fora. |

**Fonte:** dados da pesquisa, 2013

O quadro 3(três) que corresponde a questão de número 1(um) demonstra claramente os efeitos causados pelas enchentes, sendo o impacto maior no arquivo da escola estadual. De acordo com o **GESTOR 2**(dois), tendo em vista que os históricos e cadernetas foram perdidos, verificou-se que esta situação tem prejudicado alguns usuários que precisam de algum documento para comprovar a escolaridade e ainda de acordo com o **GESTOR 2**(dois), o único documento que a escola pode fornecer é uma declaração, constando que a documentação foi levada pela enchente.

Consideramos que na fala do primeiro entrevistado, existe aqui uma crença, uma visão do arquivo como um lugar que está nos fundos, lugar de depósito de documentos, sem

qualquer organização, em termos técnicos e teóricos, que permitam o acesso e a recuperação das informações registradas. Esta crença embasa a prática de acumulação desordenada de documentos, sem critérios de classificação, descrição, preservação e recuperação da informação. Há aqui a crença na existência do arquivo. No entanto, arquivo consiste numa massa documental organizada.

Percebemos, também, que a documentação danificada não foi restaurada, a maioria devido a falta de condições, pois a enchente veio junto com uma lama e isso dificultou a restauração.

Em relação a documentação do Cartório Eleitoral, o que conseguiram salvar encontra-se em um arquivo, porém até o momento o TRE não tomou nenhuma iniciativa no sentido de tentar recuperar a documentação. Quanto aos documentos da prefeitura, segundo os entrevistados, ninguém pensou, no primeiro momento, em salvá-los e sim em dar apoio as famílias que precisavam de ajuda naquele momento.

De acordo com as respostas da **GESTORA 4**(quatro), não houve uma preocupação em salvar os documentos da instituição, salvá-los foi a última coisa que se passou pela cabeça dos funcionários da prefeitura, segundo ela a prioridade era salvar a vida das pessoas que estavam naquela momento precisando de ajuda. A fala da gestora nos remete também a falta de políticas públicas que deveria ter um monitoramento em relação ao acontecido.

A única providência no tocante a documentação que foi perdida, quando o usuário necessita, o órgão emite um comprovante informando da perda da informação do arquivo da instituição por conta do rompimento da barragem. Segundo Bosi (1994, p.68), “a memória poderá ser a conservação do passado, mesmo porque o lugar na vida do homem acha-se a meio caminho entre o instinto, que se repete sempre, e a inteligência que é capaz de inovar”. Em nenhum momento a gestora comenta que isso pode mudar, nem se foi feito cadastramento com as pessoas que tiveram documentações perdidas, mas acredita que a falta de monitoramento prejudicou a barragem. Ainda para demonstrar a ausência de total de políticas públicas na região, verificou-se que não havia bombeiros, na cidade, ou em cidades próximas que pudessem dar um tratamento adequado àqueles que estavam sofrendo as consequências das chuvas, a documentação era coisa de segundo plano, dada as condições do povo.



**Fonte:** dados da pesquisa 2013.

Com estas fotos podemos perceber como o rompimento da barragem causou destruição nas instituições e arquivo. Acima foto do cartório eleitoral, um dos pontos da cidade que teve sua documentação perdida restando apenas uma caixa de processos, esta que permanece estragada sem restauração. O fórum eleitoral foi todo destruído com a catástrofe, assim como podemos perceber em algumas fotos, a documentação que pertencia ao cartório foi toda levada pela barragem passando por este rio (foto acima) assim sendo toda destruída.

Atualmente, o cartório funciona na mesma localidade e ainda possui seu arquivo com a documentação atual da cidade e como já havia sido citado com uma única caixa que restou de toda a enchente. Não se sabe ao certo quanto tempo existe o arquivo do cartório eleitoral, segundo conversa com gestores eles informaram que o cartório funciona neste prédio atual há cerca de 12(doze) anos, aproximadamente.

SOUZA (2006, p. 45) afirma que

as políticas públicas na sua essência estão ligadas fortemente ao Estado este que determina como os recursos são usados para o benefício de seus cidadãos, o autor faz uma síntese dos principais teóricos que trabalham o tema das políticas públicas relacionadas às instituições que dão a última ordem, de como o dinheiro sob forma

de impostos deve ser acumulado e de como este deve ser investido, e no final fazer prestação de conta pública do dinheiro gasto em favor da sociedade

## ENTREVISTA 2: PESSOAS QUE TIVERAM DOCUMENTAÇÃO PERDIDA

### 7- Qual o impacto da catástrofe sobre sua vida?

#### Quadro 15- Resposta a questão 1

|                         |   |
|-------------------------|---|
| <p><b>USUÁRIO 2</b></p> | <p>Senti tanta coisa minha filha, porque quando eu vim saber, eu fiquei na casa da minha filha e eu vim saber aos poucos, a única coisa que eu sei dizer depois que quando eu cheguei na minha casa não era mais casa (Emocionada)... Tinha 2 metros de água, de lama, meus filhos tirando, perdi móvel, perdi cadeira, perdi tudo que tinha, a única coisa que até hoje eles acham incrível e comentam com os outro, que eu não vi né? Foi minha mesa de um pé só daquelas que abre e fecha antiga que tava a Bíblia em cima aberta permaneceu (CRENÇA) 2m de água e ela não molhou, nem a toalha molhou, a toalha da mesa, foi uma historia muito comovente, bonita, porque foi Deus que tava dentro da minha casa, perdi tudo quanto eu tinha nesta casa, tudo, tudo, tudo. Passei 2 meses na casa de meu genro ai foi recuperando a casa, tudo isso aqui foi feito depois. Os dois quartos do meio eram dois buracos cheio de água, de lama, os filhos vieram de João Pessoa, de Areia, onde tivesse filho vieram fazer a limpeza para eu poder voltar. Quando eu voltei, eu não tinha um lençol, uma toalha, eu não tinha nada, ai as pessoas foram arrumando, a família foi ajudando, foi comprando daqui, da colá, eu fiquei na cama de casal com um colchão de solteiro para dormir quando eu me mudei porque se eu não fizesse finapé, não tinha vindo, não tinha, tinha ficado pregada lá, porque com medo assim, assustada com a casa, ainda to aqui. Muita gente aqui foi salva por um milagre de Deus, só Deus mesmo que é o</p> |
|-------------------------|---|

|  |  |
|--|--|
|  | <p>poderoso. Rsrsrcsrs você esta me filmando...</p> <p><b>Entrevistador: A senhora saiu pela janela?</b></p> <p><b>Usuário:</b> Eu... muita gente, eu sai quando disseram, veio um rapaz me avisar dona Antonia vá embora que vai entrar água ai contou a historia né?! Ai eu ate disse brigada meu filho, eu tava ate deitada ai meu filho Ivonaldo veio e me puxou com água por aqui. Eu subi aqui, e quando ele voltou que me deixou, que voltou pra levar os moveis como de costume, a casa já estava invadida de água. <b>Entrevistador: Sempre tinha essa chuva, a enchente, a senhora achava que era...</b></p> <p><b>Usuário:</b> É porque sempre houve, é, é eu às vezes saia ate rindo porque eles me levavam pro conjunto itaiba, me levava pra casa do filho, faz uma brincadeira, coloca os móveis pendurados em uma corda, ai depois eles vem tirar, ai serve ate de brincadeira para eles, de graça, que são muitos filhos, ai ficam brincando, mas o negocio aqui não foi bom não viu? Muita gente aqui sofreu, sofreu e foi muito e doações, dinheiro de governador, eu não vi nada, não posso dizer que vise eu não vi nada, não peguei em nada, não veio nada pra mim, muitas doações vieram para o instituto, também nunca recebi.</p> |
|--|--|

**Fonte:** dados da pesquisa, 2013.

## 8- Muitos dos seus documentos foram perdidos?

### Quadro 16- Resposta a questão 2

|                  |  |
|------------------|--|
| <b>USUÁRIO 2</b> | <p>Foi a única coisa que eu salvei foram meus documentos, porque eu conservava ele em uma bolsa ai quando fui pra casa da minha filha, peguei assim e fui embora com duas calcinhas dentro, no outro dia eu disse meu Deus o que eu vou fazer atrás de roupa? Não tinha roupa, não tinha nada, mas Deus salvou, estou aqui</p> |
|------------------|--|

|  |   |
|--|---|
|  | contando a historia depois de quantos anos?! 9(nove) anos, faz nove anos. <b>(CRENÇA)</b> |
|--|---|

**Fonte:** dados da pesquisa, 2013.

## 5- Enfrentou problemas burocráticos para recuperar sua documentação? Quais?

**Quadro 17:** Resposta a questão 5

|                  |   |
|------------------|---|
| <b>USUÁRIO 2</b> | Adiantava? Ate melhor, para lhe dizer, ate meus santos foram embora, ate hoje procuro meu Santo Antonio que era de estimação que foi da minha avó, era escuro, pretinho, ai foi embora na lama e São Benedito, eram dois santos, Santo Benedito era do meu filho. <b>(CRENÇA)</b> |
|------------------|---|

**Fonte:** dados da pesquisa, 2013.

Na fala da entrevistada 2(dois), no quadro acima, percebemos que a usuária remete todo o ocorrido ao além, justifica-se “porque Deus quis assim” ela lamenta pelos santos que foram perdidos, e também remete a salvação de sua vida a crença no Deus que levou os bens matérias e ate de “estimação” mas que deixou-a viva para poder contar a historia. A entrevistada desacetada que o estado pode fazer algo por sua família. Ao perguntarmos se enfrentou problemas com a documentação a ela nos responde: **“Adiantava? Ate melhor, para lhe dizer, ate meus santos foram embora”**. Não há uma confiança que com a politica publica possa-se resolver alguma coisa. Assim, como a usuária 2(dois) a 3(três) acredita que o Estado tinha que ter uma responsabilidade, mas que **“graças a Deus”** muita gente foi salva e que há uma irresponsabilidade do estado.

No nosso entender, como o poder público está afastado da população, a justificativa para os bens e os males ficam na conta de Deus. Sabemos que a fé popular nos momentos de crise afloram e é bonito pensar na fortaleza que estas pessoas tem para continuar vivendo. No entanto, nós sabemos que o Nordeste brasileiro ainda é “coronelizado”. Existem aqueles políticos que numa situação desta tiram vantagens políticas. Uma curiosidade, que tornou-se importante para nossas conclusões de pesquisa, foi o fato de algumas pessoas perguntarem se

fazíamos parte do governo e se era um cadastro para receberem indenizações. Neste ponto, o estado assume o papel de Deus, do pai que vem em auxílio do filho. É uma crença sem base na realidade a que vivem, até hoje, àqueles que sofreram com a catástrofe.

O povo brasileiro é reconhecido entre um dos mais religiosos do mundo, assim na fala da usuária da informação 2(dois) respondendo a questão 1(um), vê-se uma resposta baseada na crença, não existe racionalidade no que diz e sim muita emoção:

*“Foi minha mesa de um pé só daquelas que abre e fecha antiga que tava a Bíblia em cima aberta permaneceu...”*

Para a usuária da informação a Bíblia, livro, sagrado, considerado um documento pela igreja católica se salvou como por um milagre, porém não se pode provar isto, no entanto, o que importa são aquelas informações que para a usuária tem um cunho especial se salvou. Subsiste então a crença que algo divino é por nós e não o Estado, que deveria ter o cuidado devido com aquela tragédia anunciada. Esta tragédia anunciada, também, está na fala da entrevistada que mesmo tendo perdido seus bens materiais agradece a Deus por está viva e poder contar a história.

*“Não tinha roupa, não tinha nada, mas Deus salvou, estou aqui contando a historia depois de quantos anos?! 9(nove) anos, faz nove anos”.*

Quando perguntados:

Você acha que a informação registrada que foi perdida deveria ser uma obrigação do estado na recuperação? Deveria haver uma política pública neste sentido?

#### Quadro 18-Resposta a questão 6

|                  |   |
|------------------|---|
| <b>USUÁRIO 3</b> | Sem dúvida, sem dúvida. Até porque, até pela responsabilização que todo mundo sabe que foi culpa do estado tudo, então assim, eles tinham toda obrigação de toda indenização e principalmente a preocupação de estar reavendo tudo isso para a população. Sem duvida, ate porque justamente todo mundo soube que teve uma irresponsabilidade e você vê que muita gente, que graças a Deus a gente perdeu muita coisa, mais algo que a gente pode recuperar, mas para muita gente que perdeu tudo e tipo, saber que teve um motivo, uma responsabilidade, uma irresponsabilidade dos |
|------------------|---|

|                  |   |
|------------------|---|
|                  | <p>órgãos públicos, então eles deveriam sim ter uma preocupação em fazer políticas publicas para ver o que poderiam fazer por estas pessoas, principalmente aquelas que perderam tudo.</p>  |
| <b>USUÁRIO 4</b> | <p>Sim, ate porque, quando aconteceu o problema foi uma estouragem de uma barragem que estava sob o comando do governo, consequentemente o responsável era o governo do estado, como aconteceu o rompimento e teve esse prejuízo tremendo para nossa cidade de Alagoa Grande com certeza absoluta a responsabilidade foi do governo do estado e pelo menos ele arcou pelo menos com a palavra dele, indenizou. Olhe, eu acho que sim. Ate porque isso é um negocio muito individual, o problema década um individualmente, que eu acho que alguém deve ter recorrido eu acho que a política publica deve ter acontecido no período da necessidade, cada um procurou seus meios para recuperar o que você perdeu em termos de documentos, de papeis importantes, que tava dentro de suas empresas, acho que o pessoal colaborou, acho que a política publica naquele momento ajudou.</p> |
| <b>USUÁRIO 5</b> | <p>Com certeza, porque a recuperação ela tem uma obrigação do Estado uma vez que a obra foi do Estado né, a obra mal acabada, mal feita da forma como foi e também não monitorada porque eu sempre digo o seguinte, a obra de tal governo pode não ter sido perfeita, mas ela é obrigação do governo atual manter ou monitorar esta obra. Certeza. Porque na existência de uma política pública garante né os direitos dos que podem ser mais tarde ou que foram atingidos.</p>   |
| <b>USUÁRIO 6</b> | <p>Esse negócio ai da barragem é do Estado né? eu acho que é responsabilidade do Estado, eu acho.</p>   |
| <b>USUÁRIO 7</b> | <p>Deveria, deveria sim. Deveria.</p>   |
| <b>USUÁRIO 8</b> | <p>Sim</p>  |

**Fonte:** dados da pesquisa, 2013.

Observando as respostas dos usuários acima, percebemos que alguns creem que foram salvos por uma “benção de Deus”, mas que também, não deixam de lado de perceberem a irresponsabilidade do governo sobre a cidade e o rompimento da barragem. Percebe-se nas falas, que a ajuda do governo foi pouca em relação à imensidão do prejuízo causado pela barragem de camará, patrimônios foram devastados, casas foram levadas e a falta de um gerenciamento por conta do governo foi falha, as famílias além de terem perdido suas casas, tiveram perda material, os quais foram citados nos quadros acima. Porém, apesar de alguns terem consciência esta não é capaz de fazer com eles lutem por justiça de forma mais ativa. Existem processos que correm na justiça, mas há pouco acompanhamento, na fala dos entrevistados, isto nem mesmo é citado.

Um dado interessante foi à preocupação deles (usuários) para salvar seus documentos pessoais, pois, já estavam acostumados com as chuvas que assolavam a cidade, então a primeira atitude que eles pensaram foi a de salvar foram os documentos como carteira de trabalho, identidade, CPF, registro.

Cabe ressaltar, ainda, a religiosidade na fala do **usuário 2(dois)** que lamenta a perda dos santos e diz: “**até hoje procuro meu Santo Antonio...**” que fazia parte dos bens de estimação, assim fica evidente que os prejuízos não foram apenas econômicos, mas principalmente, no que se refere aos aspectos afetivos e emocionais, os quais deixaram traumas e lembranças marcantes para toda a vida da população afetada pela enchentes.

Em relação à responsabilidade do poder público, no sentido de recuperar o que foi perdido todos os usuários foram unânimes respondendo que é dever do estado manter políticas públicas para recuperar os bens perdidos. Porém todos alegaram que os bens de estimação não têm dinheiro que pague.

As respostas apresentadas no **quadro de número 3(três)** indicam que todos os usuários apresentaram uniformidade em relação a importância do patrimônio cultural para a história da cidade e que devido a enchente muito foi perdido, como por exemplo, o único clube de festas da cidade, alguns monumentos históricos, a biblioteca municipal e bens pessoais, que não tem mais como recuperar, que ficará apenas na memória de poucos.

Através da memória um bem, pode ser preservado, revivido e recontado, tendo em vista que a memória nos guia por múltiplos caminhos a partir dela pode gerar novos sentidos e significados. Portanto é de grande importância que a conservação e preservação do patrimônio

cultural seja por meio da história oral ou da educação patrimonial, para que assim se possa criar elos de preservação e valorização do meio cultural.

## 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como conclusão do nosso trabalho, percebemos que as maiores vítimas dos desastres causados pelas chuvas e inundações seja em Alagoa Grande, em Palmares ou em outros países, foram pessoas de menor poder aquisitivo, que até hoje lutam em busca de uma indenização, em busca de respostas para tudo o que ocorreu. Tiveram seus bens perdidos, santos, documentos e pertences de valor afetivo todos foram embora, pudemos notar que se tratando de documentação, os usuários entrevistados tiveram um cuidado maior em resgatá-los, já que com as chuvas grandes que davam na cidade o rio enchia e a ameaça era iminente. Mesmo assim, muitos acreditam que foram salvos porque Deus quis assim, que Ele estava dentro de casa para resgatá-lo da tragédia e que mesmo tendo os bens materiais perdidos, isto era o que importava. Acreditamos, ainda que estes usuários têm a consciência de que numa vida burocrática como a nossa, um documento perdido é “uma dor de cabeça” a mais. No entanto, esperam e se apegam a uma fé ingênua e muitas vezes deixam de lutar pelos seus direitos de acesso à informação.

Em relação ao acesso por parte da burocracia do lugar, percebemos que ainda é precário. Houve uma retirada de documentos pessoais na época, mas, hoje em dia, quando se sai em busca de um documento de 10 anos atrás, quando ocorreu o desastre de Camará, a única coisa que se pode fornecer é uma declaração com a informação que a culpa foi de camará, que com a chuva e a lama levou tudo e não teve como restaurar. Notamos que em relação à conservação e preservação dos documentos, também é inexistente um mínimo de ações e que talvez muitos nem tenham conhecimento desta técnica, mas que também documentos que foram salvos como é o caso dos do cartório eleitoral por estarem frágeis não se tem como fazer uma restauração. Dessa forma, a partir do levantamento realizado e com a obtenção dos dados, podemos concluir que há ausência quase total do Estado e esta ausência provoca uma certa “amnésia social”, pois em cima da tragédia foram colocadas as “pás de cal” do esquecimento, do tempo como remédio.

Para os que trabalham com a informação, sobretudo, os que trabalham com arquivos fica a lembranças dos olhos marejados das senhoras, as esperanças em Deus e a certeza de que é preciso ir conhecer quem são os verdadeiros usuários da informação, quais as condições materiais de existência, pois só assim podemos criar um verdadeiro fluxo de informação que seja, antes de tudo, reflexo de situações reais e que atenda a usuários reais e não ideais.

## REFERÊNCIAS

AAGISA (Agência de Águas, Irrigação e Saneamento do Estado da Paraíba). **Relatório sobre a Elaboração do Mapa de Inundações: Bacia do Rio Mamanguape/PB**. Paraíba. 2004.

ARQUIVO NACIONAL (Brasil). **Dicionário brasileiro de terminologia arquivística**. Rio de Janeiro, 2005.

BARBOSA, Francisco de Assis dos Reis. **Medidas de proteção e controle de inundações urbanas na bacia do rio Mamanguape-Pb**. 116p. João Pessoa, 2006. Dissertação (Mestrado em Engenharia urbana)-Centro de Tecnologia- Universidade Federal da Paraíba-UFPB. Disponível em: <[http://www.cprm.gov.br/publique/media/diss\\_franciscobarbosa.pdf](http://www.cprm.gov.br/publique/media/diss_franciscobarbosa.pdf)> Acesso em 30 de dezembro de 2013.

BELLOTTO, Heloisa Liberalli. **Arquivos permanentes: tratamento documental**. 2. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

BRASIL. Lei nº 12.527, de 18 de novembro de 2011. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2011/lei/112527.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2011/lei/112527.htm)>. Acesso em 20 de dezembro de 2013.

BUSTAMANTE, Maria Elisa. **Diretrizes para a salvaguarda do patrimônio documental**. UNESCO, 2002, edição revisada. Disponível em: <<http://www.portalan.arquivonacional.gov.br/Media/Diretrizes%20para%20a%20salvaguarda%20do%20patrim%C3%B4nio%20documental.pdf>>. Acesso em: 31 de agosto de 2013.

\_\_\_\_\_. **Como fazer análise diplomática e análise tipológica de documento de arquivo**. São Paulo: Arquivo do Estado e Imprensa Oficial do Estado, 2002.

\_\_\_\_\_. Política de ações cultural e educativa nos arquivos municipais. **Registros**: Revista do Arquivo Público Municipal de Indaiatuba/Fundação Memória de Indaiatuba, Indaiatuba (SP), v.1, n.1, p.14-29, jul.2002.

CAMARGO, Maria de Almeida; BELLOTTO, Heloisa Liberalli; *et al.* **Dicionário de terminologia Arquivística**. São Paulo: Associação dos Arquivistas Brasileiros – Núcleo Regional de São Paulo: Secretária de Estado e Cultura, 1996.

CONSELHO NACIONAL DE ARQUIVOS (Brasil). **Carta para preservação do patrimônio arquivístico digital**: preservar para garantir o acesso. 2004. Disponível em:

<<http://www.conarq.arquivonacional.gov.br/Media/publicacoes/cartapreservpatrimarqdigitalconarq2004.pdf>>. Acesso em 30 de dezembro de 2013.

FIGUEIREDO, Nice Menezes de. **Estudos de usuários da informação**. Brasília: IBICT, 1994.

GIL, Antônio Carlos 1946. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 2009.

IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). **Base de informações por setor sensitário – João Pessoa, Estado da Paraíba**. Censo Demográfico 2010. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/painel/painel.php?codmun=250030>>. Acesso em: 13 de dezembro de 2013.

HEREDIA HERRERA, Antonia. *Classificación y ordenación*. In: MUÑOZ, César Gutiérrez. *Archivística*. Lima: Pontificia Universidade Católica del Peru, 1991, p. 106 – 123.

JARDIM, J. M. **A informação como projeto de igualdade**. *Informare*. Rio de Janeiro. V. 4, 1998.

MOUTA, Maria Fernanda. **O Arquivo: termos, conceitos e definições**. Viseu: Governo Civil de Viseu, 1989.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa Social: métodos técnicas**. São Paulo: Atlas, 1999.

RODRIGUES, Rui Martinho. **Pesquisa Acadêmica: como facilitar o processo de preparação de suas etapas**. São Paulo: Atlas, 2007.

ROUSSEAU, Jean – Yves, COUTURE, Carol. **Os fundamentos da disciplina arquivística**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1998.

SILVA, Sérgio Conde de Albite. **A Preservação da informação arquivística governamental nas políticas públicas do Brasil**. Rio de Janeiro: AAB/FAPERJ, 2008.

CARVALHO, Vilmar Antônio. **Historia, memória e representação de enchentes em Palmares: Um estudo de história ambiental**. Disponível em: <<http://blogmuseupalmares.blogspot.com.br/>> Acesso em 19 de agosto de 2013.

CASSARES, Norma Cianflone. **Políticas de preservação de documentos arquivísticos**. Arquivo do Estado de São Paulo, março, 2011. Disponível em:

<<http://www.arquivoestado.sp.gov.br/saesp/ciclopalestras9.pdf>. Acesso em 30 de dezembro de 2013>. Acesso em 19 de agosto de 2013.

[http://www.apontador.com.br/local/pe/recife/predios\\_publicos/C4057704460D2D0D27/ape\\_\\_arquivo\\_publico\\_estadual\\_pernambuco.html](http://www.apontador.com.br/local/pe/recife/predios_publicos/C4057704460D2D0D27/ape__arquivo_publico_estadual_pernambuco.html)>. Acesso em 13 de janeiro de 2014<<http://www.maisab.com.br/noticias/nv/12569/TRE+AUTORIZA+CONFEC CAO+DE+200+MIL+TITULOS+ELEITORAIS+EM+PALMARES.html>>. Acesso em 30 de agosto de 2013.

<<http://www.conjur.com.br/2011-mar-27/segunda-leitura-tribunais-preparar-desastres-ambientais>>. Acesso em 31 de agosto de 2013.

<<http://www.arquivopublico.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=37>>. Acesso em 20 de dezembro de 2013.

<<http://joseanepinho.spaceblog.com.br/1197057/Repensando-O-Conceito-De-Politic as-Publicas/>>. Acesso em 20 de janeiro de 2014.

<[http:// www.estacoesferroviarias.com.br](http://www.estacoesferroviarias.com.br)>. Acesso, em 11 de fevereiro de 2014.

[http://www.conarq.arquivonacional.gov.br/Media/publicacoes/mesa/o\\_acesso\\_\\_informao\\_arq uivstica\\_no\\_brasil.pdf](http://www.conarq.arquivonacional.gov.br/Media/publicacoes/mesa/o_acesso__informao_arq uivstica_no_brasil.pdf). Acesso em 20 de dezembro de 2013

## APÊNDICES

## **APÊNDICE A - Perguntas das entrevistas realizadas com os gestores**

**Pergunta 1:** Com a catástrofe muitos documentos foram perdidos?

**Pergunta 2:** Conseguiu recuperar alguma documentação?

**Pergunta 3:** Há um local específico para tal documentação?

**Pergunta 4:** A documentação esta toda restaurada?

**Pergunta 5 :** Há algum instrumento de coleta de dados no arquivo?

**Pergunta 6:** Quando o arquivo da prefeitura foi fundado?

**Pergunta 7:** Antes da enchente como eram guardados os documentos da instituição?

**Pergunta 8:** Essa documentação que foi perdida a senhora sabe o que foi feita, se eles jogaram no lixo o que fizeram?

**Pergunta 9:** Quando vocês chegaram a instituição após a enchente, vocês imaginavam que a documentação tinha sido atingida? Como vocês reagiram?

**Pergunta 10:** Após a enchente, veio algum usuário em busca de alguma informação que foi perdida?

**Pergunta 11:** Há um arquivo público na cidade?

**APÊNDICE B - Perguntas das entrevistas realizadas com os moradores da cidade que tiveram documentação perdida.**

**Pergunta 1:** Qual o impacto da catástrofe sobre sua vida?

**Pergunta 2:** Muitos dos seus documentos foram perdidos?

**Pergunta 3:** Já tentou resgatar algum documento após a catástrofe?

**Pergunta 4:** Como é o acesso a documentação perdida?

**Pergunta 5:** Enfrentou problemas burocráticos para recuperar sua documentação? Quais?

**Pergunta 6:** Recebeu alguma indenização?

**Pergunta 7:** Você acha que a informação registrada que foi perdida deveria ser uma obrigação do estado na recuperação? Deveria haver uma política pública neste sentido?

**Pergunta 8:** Além da documentação oficial o que acha de ter o patrimônio cultural devastado e principalmente os arquivos onde havia tanta história de sua cidade e de seu país?

## APÊNDICE C - Quadros referente às respostas dos Gestores das instituições.

- Com a catástrofe muitos documentos foram perdidos? Quais?

### Resposta a questão 1

|                 |  |
|-----------------|--|
| <b>GESTOR 1</b> | Muitos documentos dos quais, muitos processos que estavam em andamento.  |
| <b>GESTOR 3</b> | Vários documentos referentes a questão comercial. O computador com todos os dados, dados de clientes em relação a crediários, históricos, nesta questão de arquivo não foi totalmente prejudicado em função dos backups que ajudou bastante ao que levou a catástrofe. |

**Fonte:** dados da pesquisa, 2013.

- Conseguiu recuperar alguma documentação?

### Resposta a questão 2

|                 |   |
|-----------------|---|
| <b>GESTOR 1</b> | Não. Ficaram muito danificados, estão arquivados a parte e são manuseados com luvas.  |
| <b>GESTOR 2</b> | Nenhuma.  |
| <b>GESTOR 3</b> | Em parte. Nesta questão de informação dos clientes que entra, foi um backup que existia a pouco menos de 2 meses antes, ai entre estes dois meses que aconteceu a catástrofe foi perdida. |

**Fonte:** dados da pesquisa, 2013.

- Há um local específico para tal documentação?

#### Resposta a questão 3

|                 |   |
|-----------------|---|
| <b>GESTOR 1</b> | Existe um local, não adequado, mas existe um arquivo atrás.   |
| <b>GESTOR 2</b> | Não, porque a lama de camará foi uma lama muito grudenta, então, por mais que tentasse lavar o papel, era uma lama que não tinha facilidade de puxar e descolando, por isso que foi perdendo muitos históricos. |
| <b>GESTOR 3</b> | Não, ela ate foi perdida nesta questão de visualização, nossa loja foi uma das poucas que não tive as 100 % das portas arrobadas pela questão da força da água, então ela ficou no meio da lama.                |

**Fonte:** dados da pesquisa, 2013.

- A documentação esta toda restaurada?

#### Resposta a questão 4

|                 |   |
|-----------------|---|
| <b>GESTOR 1</b> | Não, estão parados, não foram restaurados, cabe ao TER resolver.  |
| <b>GESTOR 2</b> | A documentação perdida não foi restaurada, infelizmente foi danificada e não teve como restaurar.   |
| <b>GESTOR 3</b> | Ela foi guardada, mas como tínhamos esta informação do backup então, boa parte dela como ficou muito difícil à visualização ai realmente ela foi jogada fora é boa parte jogada fora. |

**Fonte:** dados da pesquisa, 2013.

- Há algum instrumento de coleta de dados no arquivo?

**Resposta a questão 5**

|                 |   |
|-----------------|---|
| <b>GESTOR 1</b> | Fizemos um levantamento a mão mesmo dos documentos perdidos, nada de muito relevante.   |
| <b>GESTOR 2</b> | Não, não, nesta parte não, só papel mesmo, a escola só trabalha com papel, dados antigos, só papel.   |
| <b>GESTOR 3</b> | Teve o backup que serviu de base, mas a informação recente foi perdida, a questão da informação recente mas a interior, em um espaço entre um e outro em relação ao crediário e relação ao dia foi perdido neste momento. |

**Fonte:** dados da pesquisa, 2013.

Quando o arquivo da prefeitura foi fundado?

**Gestor:** Bom essa pergunta eu não sei responder

Antes da enchente como eram guardados os documentos da instituição?

**Gestor:** Eram guardados no arquivo, em caixas arquivo.

Com a catástrofe muitos documentos foram perdido?

**Gestor:** Todos, praticamente todos. Só não foi perdido o arquivo atual que esta vigente, que justamente como é primeiro andar não atingiu, mas a parte de baixo foi toda atingida

Essa documentação que foi perdida a senhora sabe o que foi feita, se eles jogaram no lixo o que fizeram?

**Gestor:** Não, a água levou tudo...

Quando vocês chegaram a instituição após a enchente, vocês imaginavam que a documentação tinha sido atingida? Como vocês reagiram?

**Gestor:** Tinha, porque a gente se deparou com a situação, a quantidade de água, a altura que a água atingiu nosso arquivo, então, praticamente a gente já viu logo que teve tudo perdido.

Eita essa pergunta eu sei viu?! Porque a gente ficou tão assim perplexo que a gente não tinha ação para nada, assim de imediato o que a gente deu prioridade foi atender as famílias, o povo que estava precisando né de apoio, de procurar casa de apoio, essas coisas, mas até então pensar nos documentos que a gente perdeu naquele momento a gente não pensou, a gente não teve esse pensamento, não voltou para os documentos e sim para atender as pessoas, as famílias que estavam desabrigadas, famílias que perderam seus entes queridos, que teve também foram 5(cinco) mortes, e tudo mais, até então a gente pensar na documentação foi com o decorrer dos dias, quando a gente foi voltando ao normal, ai começamos a trabalhar, foi quando voltou energia, porque ficamos sem energia e sem água por vários dias, ai então a gente não tinha nem como pensar em documentação.

Após a enchente, veio algum usuário em busca de alguma informação que foi perdida?

**Gestor:** Vinheram e ainda hoje vem, é o que fica difícil né, o que nós passamos para os usuários é o seguinte, o comprovante, a documentação da catástrofe, da enchente, que por conta disso perdeu todos os arquivos da prefeitura, então é essa documentação que a gente passa, inclusive passou pelo tribunal de contas na época tudinho para justificar a perda dessa documentação.

**Entrevistador: Há um arquivo público na cidade?**

**Gestor:** Não, não tenho conhecimento não. Você diz arquivo público da cidade? Não, não tem este arquivo público não, existe sim o arquivos das repartição, por exemplo, a prefeitura tem seu arquivo, a escola tem o seu, o colégio estadual tem o arquivo dele, mas a cidade mesmo em si não tem um arquivo único para toda a cidade.

**APÊNDICE D - Quadros referente às respostas dos moradores da cidade que tiveram seus documentos perdidos.**

- Qual o impacto da catástrofe sobre sua vida?

**Resposta a questão 1**

|                  |   |
|------------------|---|
| <b>USUÁRIO 1</b> | Todos os aspectos, no caso econômico, sentimental, estes dois foram o que mais foram profundos, fortes.   |
| <b>USUÁRIO 3</b> | Foi na verdade assim, foi trauma né?, Mas como aconteceu assim de uma forma que ate hoje a gente lembra, lembra de cada detalhe, foi mais a questão do trauma que ficou para todo mundo que foi realmente muito impactante para todo mundo.   |
| <b>USUÁRIO 4</b> | Foi grande  |
| <b>USUÁRIO 5</b> | Minha querida, a gente muda né?! Muda até a questão de valores eu acho, que eu mudei muito assim, eu passei a não dar valor a muita coisa material porque depois da catástrofe como você diz a gente,eu vi que perdi muitos bens materiais mas os bens mais importantes eu fiquei, que foram os filhos, o marido, tudo ai na hora eu simplesmente não dei tanta importância a perda material. |
| <b>USUÁRIO 6</b> | Foi uma catástrofe muito grande porque a gente acabou com o que tinha prejuízo muito grande e sabe o dinheiro que me deram 2 mil reais, e disse que ia pagar a gente até aqui nem o governo resolveu nada.  |
| <b>USUÁRIO 7</b> | Bem, aqui aconteceu que nós perdemos mais da metade da mercadoria aqui, ficamos quase no zero, a contribuição do governo com a gente aqui foi pouco, deu pra gente ir   |

|                  |   |
|------------------|---|
|                  | recuperando aos poucos.   |
| <b>USUÁRIO 8</b> | Eu já estava dormindo, muito cansado, quando minha esposa recebeu um telefonema de Areia que a barragem Camará tinha estourado e que saísse de casa com brevidade, então ela saiu com minha nora e meu neto, e posteriormente me acordou e eu já sai as pressas entrando água, só sai com a roupa do corpo e livre ainda o carro e a casa foi toda demolida, tiveram que reconstruir. Foi uma enchente que chegou na nossa casa ainda tenho uma marca ali atrás que deu 2.30cm. |

**Fonte:** dados da pesquisa, 2013.

- Muitos dos seus documentos foram perdidos?

#### **Resposta a questão 2**

|                  |  |
|------------------|--|
| <b>USUÁRIO 1</b> | Sim. Nós perdemos no caso, por exemplo, estes documentos pessoais como identidade, carteira de trabalho, a gente recuperou, mas teve documentos assim no caso que a gente não conseguiu recuperar, foram fotos de aniversários, estes documentos que são pessoais, porém tem um valor mais sentimental, fotografias, álbuns de fotografias, nós perdemos e não teve mais como recuperar. |
| <b>USUÁRIO 3</b> | A gente teve muita sorte porque aqui em casa tem um primeiro andar, na época a gente era só um quarto então, a gente teve tempo ainda de essa parte de documento, fotos, algumas roupas, muita coisa a gente conseguiu salvar, levar la pra cima, para o andar de cima ai esta parte a gente conseguiu.  |
| <b>USUÁRIO 4</b> | Sim, muitos, tanto pessoais, quanto da empresa a que tinha aqui na nossa empresa, infelizmente foi tudo perdido. <b>Entrevistador: Quais?</b> Foram documentos da empresa, talões de notas fiscais, notas fiscais de fornecedores, foram ate os próprios documentos  |

|                  |   |
|------------------|---|
| <b>USUÁRIO 5</b> | especiais como: escritura do prédio, documentos pessoais meus, como: escritura da casa que estava guardada aqui naquele período, que infelizmente foram destruídos. |
| <b>USUÁRIO 6</b> | Não, porque eu tenho um primeiro andar ai os documentos estavam no 1º andar e a água chegou assim no teto do 1º andar mas no segundo não foi.                       |
| <b>USUÁRIO 7</b> | Foi, geladeira, telefone, armário, cama, sofá. Meus documentos olhe o guarda roupa tinha um maleiro em cima que eu colocava minha bolsa em cima com os documentos.  |
| <b>USUÁRIO 8</b> | Não, muitos não, porque deu para recuperar metade, metade dos documentos deu pra recuperar.   |
| <b>USUÁRIO 8</b> | Os meus documentos pessoais não porque eu sai e estavam no carro, mas os da minha esposa todos foram perdidos.  |

**Fonte:** dados da pesquisa, 2013.

- Já tentou resgatar algum documento após a catástrofe?

### **Resposta a questão 3**

|                  |  |
|------------------|--|
| <b>USUÁRIO 1</b> | Não, estes documentos a gente não tentou não, até porque eles foram adquiridos faz tempo e alguns fotografos a gente nem sabe mais onde estão hoje, no caso de fotografia, então para conseguir os vídeos também não tem uma segunda cópia, aonde foi feita, então a gente não conseguiu e eu também não fui atrás.    |
| <b>USUÁRIO 2</b> | Só salvei os meus documentos. O que eu tinha de pertence foi embora, retratos antigos, retratos desde eu solteira, eu perdi tudo, e umas joias, não conto de joias não porque digo que é cavilação, é coisa de gente velha, joias antigas, presentes que eu tinha recebido quando era noiva, roupas, perdi tudo, tudo. |
|                  |  |

|                  |  |
|------------------|--|
| <b>USUÁRIO 3</b> | Não, porque a gente não teve perda, a gente não perdeu documento em si, foi mais a questão dos moveis e das outras coisas, mas questão de documento a gente conseguiu salvar.  |
| <b>USUÁRIO 4</b> | Dos documentos nenhum teve que recorrer a justiça, a segunda via em cartório, aquela coisa toda mas nenhum foi recuperado infelizmente.  |
| <b>USUÁRIO 5</b> | As que eu perdi na verdade, não tem como recuperar, não tem, era como eu tava tentando te dizer, a história na verdade a gente perde, uma parte da história fica só na memória né, porque são fotos antigas, eu não tive como recuperar. |
| <b>USUÁRIO 6</b> | Não teve documentos perdidos   |
| <b>USUÁRIO 7</b> | Não, não porque os que a gente tentou recuperar não tinha mais valor pra gente já era documento velho que tinha passado do tempo, não tinha valor para gente.  |
| <b>USUÁRIO 8</b> | Não porque não ficou nem sinal de casa, não tinha, mas como procurar.  |

**Fonte:** dados da pesquisa, 2013.

- Como é o acesso a documentação perdida?

#### **Resposta a questão 4**

|                  |   |
|------------------|---|
| <b>USUÁRIO 1</b> | Não, justamente, a dificuldade de ter acesso à documentação perdida são os laboratórios que produziram não terem uma segunda copia. |
| <b>USUÁRIO 2</b> | Única coisa que salvou foram os documentos  |
| <b>USUÁRIO 3</b> | Não teve documentação perdida.  |

|                  |  |
|------------------|--|
| <b>USUÁRIO 4</b> | Aqui para recupera-las aqui, foi nos cartórios e justo no período a coletoria estadual que os talões de nota fiscal pertencem ao estado né?, a gente faz só guardar como se diz e foi através deles que a gente recuperou, outros né, porque não tem como fazer que aquilo são numerações e foi solicitado devido a perca através do boletim de ocorrência da policia, aquela coisa toda para dar entrada em um processo no estado para que fosse, eles nos autorizasse a fazer novos talões de notas fiscais. |
| <b>USUÁRIO 5</b> | Não teve documentação perdida  |
| <b>USUÁRIO 6</b> | Não teve documentação perdida  |
| <b>USUÁRIO 7</b> | Não tem nem assim, como dizer a você se teve acesso.   |
| <b>USUÁRIO 8</b> | Bem, nós prestamos um BO na delegacia como foi os documentos perdidos.   |

**Fonte:** dados da pesquisa, 2013.

- Enfrentou problemas burocráticos para recuperar sua documentação? Quais?

#### **Resposta a questão 5**

|                  |  |
|------------------|--|
| <b>USUÁRIO 1</b> | Justamente, por não se ter procurado, a burocracia é justamente essa, não ter acesso mais. |
| <b>USUÁRIO 3</b> | Não teve documentação perdida  |
| <b>USUÁRIO 4</b> | Não  |
| <b>USUÁRIO 5</b> | Não teve documentação perdida  |

|                  |   |
|------------------|---|
| <b>USUÁRIO 6</b> | Não teve documentação perdida                           |
| <b>USUÁRIO 7</b> | Não, não enfrentamos problemas não, deu para recuperar. |
| <b>USUÁRIO 8</b> | Não.  |

**Fonte:** dados da pesquisa, 2013.

7-Além da documentação oficial o que acha de ter o patrimônio cultural devastado e principalmente os arquivos onde havia tanta história de sua cidade e de seu país?

#### **Resposta a questão 7**

|                  |   |
|------------------|---|
| <b>USUÁRIO 1</b> | É uma perda, para a cidade, para as pessoas, para o cidadão de modo geral porque tudo que foi devastado além dos documentos, como patrimônios, casas, móveis, etc., isso foi uma catástrofe em geral, ruas, então o estado é responsável por isso ai por dar condições as pessoas de recuperar isso ai. Por exemplo: a casa que nós moramos que foi inundada, que foi destruída a parte imobiliária, dos moveis, mobiliários, hoje a casa precisou de fazer uma reforma e foi condenada as paredes depois de quase 10 anos se não me falhe a memória, foi condenada as paredes uma vez que, foi inundada e danificou os tijolos, hoje teve que fazer a reforma e derrubar toda casa, então foi uma grande perda da cidade em geral. |
| <b>USUÁRIO 2</b> | Não respondeu.  |
|                  |   |

|                  |  |
|------------------|--|
| <b>USUÁRIO 3</b> | Eu acho assim, que se realmente você parar para pensar e histórias de toda uma vida de muitos anos de pesquisa e tudo, a própria história da própria cidade, eu acho assim, foi uma perda muito grande para o município, pra população, então assim, acho que foi tudo muito triste.   |
| <b>USUÁRIO 4</b> | Não respondeu.   |
| <b>USUÁRIO 5</b> | É triste né, porque a gente tem uma história, a própria história, é porque eu não perdi documentos eu perdi muitas fotos, entendeu? Muitas fotos e fotos, algo que a gente tem de pessoas que já tinham ido e que a gente não recupera e o patrimônio histórico da cidade então a gente tem hoje outra paisagem, paisagem essa, que não é a que eu tinha quando eu fui criança, aquela que a gente passou aquelas fotografias, a gente tem sempre hoje em Alagoa Grande algo que diz assim, isso foi, isso aqui a gente tinha e hoje não tem, é muito desgastante, a questão cultural. |
| <b>USUÁRIO 6</b> |  |
| <b>USUÁRIO 7</b> | Realmente foi uma coisa que acabou, acabou e não recuperaram mais, alguns patrimônios históricos que tinha na cidade, alguns clubes, alguns comércios que devastou metade, algumas coisas de família que acabou ai o governo contribuiu muito pouco com isso até hoje, alguns dos comerciantes ainda estão batendo pela justiça para ver se consegue ser beneficiado como restante dos pagamentos que eles disseram, e até hoje nada.  |
| <b>USUÁRIO 8</b> |  |

**Fonte:** dados da pesquisa, 2013.

**APENDICE E - Fotos da cidade e dos arquivos onde realizamos a pesquisa na cidade de Alagoa Grande-PB**

**Cidade de Alagoa Grande-PB**



**Fonte:** Dados da pesquisa 2013.

**Fórum da cidade de Alagoa Grande, atingido pelo rompimento da barragem de Camará.**



**Fonte:** dados da pesquisa 2013.

**Rio da cidade por onde a documentação perdida passou.**



**Fonte:** dados da pesquisa 2013.

**Arquivo do cartório eleitoral da cidade de Alagoa Grande-PB/ 2014**



**Fonte:** Dados da pesquisa 2013.

### Arquivo



**Fonte:** Dados da pesquisa 2013.

### Cartório na época da enchente.



**Fonte:** Dados da pesquisa 2013.

### Enchente no Cartório 2004



Fonte: Dados da pesquisa 2013.

### Trabalhadores tentando retirar a água que atingiu o cartório



Fonte: Dados da pesquisa 2013.

Nestas duas fotos acima percebe-se a quantidade de água que invadiu o cartório, que destruiu mesas, equipamentos e toda a documentação, podemos ver que a lama foi muito grande sobre a instituição e que os trabalhadores fizeram o que puderam para resgatar o material do ambiente.

### Escola da cidade atingida com a catástrofe.



**Fonte:** Dados da pesquisa 2013.

A escola estadual foi uma das instituições atingidas pelas águas de Camará, esta não conseguiu resgatar nenhuma documentação já que a lama foi muito grande sobre os documentos, quando os usuários precisam de alguma documentação da época a única coisa que a secretaria da escola pode fornecer é uma declaração dizendo que a documentação foi perdida com a chuva de Camará.

### Situação do Cartório eleitoral no dia da enchente/2004



**Fonte:** Dados da pesquisa 2013.

**Prefeitura Municipal de Alagoa Grande-PB**



**Fonte:** Dados da pesquisa 2013

**Cidade de Alagoa Grande**



**Fonte:** Dados da pesquisa 2013

**Parte de trás da Prefeitura**



**Fonte:** Dados da pesquisa 2013

## **ANEXOS**

**ANEXO A – Termo de cessão de imagens****TERMO DE CESSÃO DE USO DE IMAGENS**

Eu, \_\_\_\_\_  
declaro que autorizo, de forma gratuita e sem ônus, a divulgação de IMAGENS por mim concedidos para a pesquisa de campo desenvolvida para TCC (Monografia) do Curso de Arquivologia da Universidade Estadual da Paraíba.

Tenho conhecimento que o referido instrumento de coleta de dados (entrevista/questionário) está sendo realizada pelo(a) graduando(a) e concluinte \_\_\_\_\_, matrícula \_\_\_\_\_, sob a orientação do(a) Professor(a) \_\_\_\_\_ para a pesquisa intitulada: \_\_\_\_\_.

Estou ciente de que as IMAGENS por mim concedidas poderão ser apresentadas em outras atividades e publicações acadêmicas, **sempre** sem fins lucrativos e resguardando minha identidade.

João Pessoa – PB, \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

\_\_\_\_\_  
**Assinatura do(a) entrevistado(a)/respondente**

**ANEXO B – Termo de cessão de uso de voz, texto e dados bibliográficos****TERMO DE CESSÃO DE USO DE VOZ, TEXTO E DADOS BIBLIOGRÁFICOS.**

Eu, \_\_\_\_\_  
declaro que autorizo, de forma gratuita e sem ônus, a divulgação de dados por mim concedidos para a pesquisa de campo desenvolvida para TCC (Monografia) do Curso de Arquivologia da Universidade Estadual da Paraíba.

Tenho conhecimento que o referido instrumento de coleta de dados (entrevista/questionário) está sendo realizada pelo(a) graduando(a) e concluinte \_\_\_\_\_, matrícula \_\_\_\_\_, sob a orientação do(a) Professor(a) \_\_\_\_\_ para a pesquisa intitulada: \_\_\_\_\_.

Estou ciente de que as informações por mim concedidas poderão ser apresentadas em outras atividades e publicações acadêmicas, **sempre** sem fins lucrativos e resguardando minha identidade.

João Pessoa – PB, \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

\_\_\_\_\_  
**Assinatura do(a) entrevistado(a)/respondente**